



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Habilitação em Audiovisual

HELOÍSA SCHONS DO NASCIMENTO

SÉRIE MARIAS

A CRIAÇÃO DE UMA SÉRIE ANTOLÓGICA FEMINISTA E BRASILEIRA

BRASÍLIA

2021

Brasília

HELOÍSA SCHONS DO NASCIMENTO

SÉRIE MARIAS

A Criação De Uma Série Antológica Feminista e Brasileira

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Profa. Emília Silberstein

Brasília

HELOÍSA SCHONS DO NASCIMENTO

SÉRIE MARIAS: A Criação De Uma Série Antológica Feminista e Brasileira

Memorial descritivo do produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Audiovisual.

Profa. Me. Emília Silberstein
Orientadora – FAC/UnB

Mariana Souto (Examinadora)

Patrícia Colmenero (Examinadora)

Daniela Marinho (Suplente)

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida, por me moldarem de alguma forma até aqui.

À Luiza Chagas, por, todos os dias, me inspirar a ser uma pessoa melhor.

À minha mãe, meu pai, ao Lucca e ao Luiz.

nós precisamos
das suas palavras.

nós precisamos
das suas experiências,

nós precisamos
dos seus traumas

nós precisamos
da sua raiva,

nós precisamos
da sua culpa,

nós precisamos
das suas paixões,

nós precisamos
da sua história

que você acha que ninguém
vai querer ouvir.

nós precisamos dessa
raiva-fogo de mulher

que só você
pode prover, então

escreva.

escreva.

escreva.

- *o sinal pelo qual você estava esperando III.*

(Amanda Lovelace em
“a bruxa não vai para a fogueira neste livro”)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a parceria, amizade e trabalho duro de diversas mulheres que compuseram as equipes presentes nesse TCC. Obrigada Luiza, Sofia, Paula e Camilla por fazerem parte, mesmo que não por todo o tempo, da sala de roteiristas e do início da criação da Série Marias.

Muito obrigada pela paciência, carinho, ajuda e dedicação da professora Emília Silberstein, minha queridíssima orientadora em dois trabalhos acadêmicos diversos mas em igual tema. Obrigada por me lembrar a cada reunião e troca de que esse produto e essa memória são uma grande experimentação e, afinal, toda arte é uma experimentação. Fico feliz pela ajuda a pensar criativamente. Agradeço demais pelo incentivo e pelo estudo do gênero, além de todas as palavras de acalento durante esses dois anos. Admiro a mulher, profissional, acadêmica, professora, fotógrafa e amiga que você é.

Obrigada à Luiza Chagas, por todo amor, paciência, carinho e por ter embarcado nesse projeto comigo, antes mesmo de eu decidir o que se daria desse trabalho de conclusão de curso. Agradeço muito pelo seu companheirismo e perfeccionismo, que foram essenciais para a série no geral, mas também o episódio piloto. Muito obrigada a você e sua família, Rejane e Laura, por sempre me acolherem com afeição.

Meu eterno carinho ao meu melhor amigo, Luiz Curado, parceiro e a pessoa que sempre me escutou, jogou verdades na minha cara, me mostrou como eu sou importante, querida e talentosa. Obrigada por ser você, esses anos de faculdade não teriam sido tão divertidos sem a sua presença.

Obrigada à Luiza Sant'Anna, por me presentear com um livro de poemas que deu origem a ideia inicial da série "Marias", eu te amo e te apoio. Sou muito grata pelo seu suporte carinhoso nesse projeto, em conjunto com todas as risadas gostosas que fazem minhas bochechas doerem.

Às minhas amigas do *rendez-vous*, que nós possamos comer aquele risoto e brindar, com um bom vinho, esse novo ciclo de nossas vidas. Clarinha, Marina, Mariah, Gio, Agnes, Ry, Aya, Beck, Carolzinha e Nat, *je vous aime*.

Um enorme agradecimento à todas as pessoas que eu tive a honra de liderar na Pupila Audiovisual, vocês foram uma parte importante e gigantesca no meu crescimento, tanto pessoal quanto profissional, muito obrigada pela paciência, por todos os feedbacks, AGOs,

fofocas e risadas na portinha mais simpática do ICC. E obrigada à portinha vermelha que tanto me ensinou e me fez ser quem eu sou hoje.

Obrigada à maravilhosa equipe de marketing, que movimentou o instagram e o twitter, criando conteúdos incríveis. Fernanda, Karla, Clarinha, Babi, Bel, Marina, Fer, Giulia, Keity, Dani, Gai e Clara, obrigada por todo o trabalho duro e feito com carinho. Vocês são pessoas extremamente talentosas e sou muito grata pelos nossos caminhos terem se cruzado.

Às parceiras incríveis que, antes de tudo, acreditaram no projeto e nos ajudaram com as recompensas do financiamento coletivo, Akemi, Aya, Beck, Tay, Evelyn e Karlinha, meu eterno agradecimento!

Obrigada duplamente à Karlinha, que tanto foi nossa parceira no financiamento coletivo, como ilustradora na nossa equipe de marketing. Sua presença foi essencial e sou muito grata pela nossa amizade, voe muito, garota!

Minha eterna gratidão à minha queridíssima equipe que, sem elas, esse trabalho não seria possível e a produção do episódio piloto da série Marias não teria acontecido. Obrigada por todas as reuniões online e breves encontros presenciais, trocas, carinho, afinco no trabalho mesmo quando eu era exigente ou ainda não sabia o que fazer. Obrigada por se importarem tanto quanto eu a realizar esse trabalho da melhor forma possível! Este trabalho está impecável pela participação incrível de vocês.

Obrigada às mulheres que me inspiraram ao longo do início da minha carreira no audiovisual e da minha jornada acadêmica: Daniela Marinho (que dá nome ao episódio piloto), Patrícia Colmenero, Renata Diniz, Emília Silberstein e Roberta Gregoli.

Obrigada às minhas atrizes, Nicole, Virna e Gabi, pelo excelente trabalho no episódio piloto e por participarem desse processo com carinho e dedicação.

Por fim, obrigada mãe e pai, por apoiarem a minha decisão profissional, mesmo que não de forma imediata ou que às vezes vocês não estejam entendendo exatamente o que eu faço. Obrigada pelo apoio e pelos elogios que me deram pelo grande esforço que faço desde 2016, quando ingressei na universidade dos meus sonhos.

RESUMO

O presente trabalho consiste em um memorial descritivo do produto de série intitulado “Marias”, uma série antológica, feminista e brasileira, que conta com a elaboração de uma bíblia de série, a partir de uma sala de roteiristas, e com divulgação *on-line* através de uma página no instagram. O projeto se iniciou com o questionamento da falta de representatividade feminina atrás das câmeras, buscando a produção de uma série realizada por mulheres e pessoas não-binárias, que perpassou estudos de gênero, cinema brasileiro e feminismo para produzir uma obra que procura fugir de estereótipos. A partir do cotidiano, foi formulada uma série, em uma sala de roteiristas 100% de mulheres, antológica, para apresentar uma maior pluralidade de histórias de mulheres brasileiras. Além disso, foi realizada uma campanha de financiamento coletivo através da conta no instagram, que produz conteúdo alinhado com as temáticas da série.

Palavras-chave: Narrativas Seriadas; Cotidiano; Sala de Roteiristas; Feminismo; Interseccionalidade; Cinema Brasileiro.

ABSTRACT

The present work consists of a descriptive memorial of a serial product entitled "Marias", an anthological, feminist and Brazilian series, with the elaboration of a series bible, from a writer's room, and with online advertising through a page on instagram. The project began by questioning the lack of female representation behind the cameras, seeking the production of a series by women and non-binary people, which went through gender studies, Brazilian cinema and feminism to produce a work that seeks to escape stereotypes. Based on everyday life, an anthological series was formulated, in a only women's writers room, to present a greater plurality of Brazilian women stories. In addition, a crowdfunding campaign was carried out through the instagram account, which produces content aligned with the themes of the series.

Keywords: *Serial Narrative; Daily; Writers Room; Feminism; Intersectionality; Brazilian Cinema.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Gráfico Equipe Geral da Série Marias, índice de Gênero	28
Figura 2 — Gráfico da Sala de Roteiristas, índice de Raça	29
Figura 3 — Gráfico de Percentuais de Gênero de Roteiristas da Televisão em 2018	29
Figura 4 — Gráfico Equipe Geral da Série Marias, índice de Gênero	30
Figura 5 — “Corra” é um documentário.”	35
Figura 6 — Arte que inspirou a personalidade da personagem Dani	43
Figura 7 — Print de tela da Reunião da Sala de Roteiristas	46
Figura 8 — Parte do Beat Sheet da história de Beth	51
Figura 9 — Calendário Final da Série Marias	57
Figura 10 — Instagram da Série “Marias”	61
Figura 11 — Prints do Documento de Identidade Visual da Série Marias	62
Figura 12 — Primeiro post do instagram @seriemarias	62
Figura 13 — Postagem Lílís Soares	64
Figura 14 — Postagem de “Benzinho”	64
Figura 15 — Página da série “Marias” na Benfeitoria	66
Figura 16 — Trio de postagens sobre as artistas, com o exemplo do estúdio Zushi Ushi, por Ayana Saito.	66
Figura 17 — Postagem sobre o estereótipo “Mammy”	67
Figura 18 — Postagem Segunda Meta Atingida	68
Figura 19 — Ilustração das Artistas Parceiras	69
Figura 20 — Quadro “Haru No Karada” de Ayana Saito, exclusivo para a série “Marias”	69
Figura 21 — Postagem sobre a vídeo-aula da Luíza Akemi	70
Figura 22 — Ilustração dos cartazes e adesivos produzidos pela Furta Co	70
Figura 23 — Autorretrato de Taysa para Financiamento Coletivo	71
Figura 24 — Postais produzidos pela “Por Salt”	71
Figura 25 — Adesivos produzidos pela “A Luz Cria”	72

SUMÁRIO

1	Introdução e Contextualização	12
1.1	Reflexões e Antecedentes	15
1.2	Problema de pesquisa	16
1.3	Justificativas	20
1.3.1	Do tema - Representação de mulheres brasileiras	20
1.3.2	Do formato - Uma série antológica	23
2	Referencial Teórico	27
2.1	As Mulheres no Cinema Brasileiro	27
2.2	Feminismo Interseccional	30
2.3	Cotidiano e o Cinema Brasileiro	33
3	Desenvolvimento da Série “Marias”: Reflexões	36
3.1	Sala de Roteiristas	36
3.1.1	Pré-Sala	40
3.1.2	Desenvolvimento das Personagens	41
3.1.3	Roteirização das Histórias	50
3.2	Criação do Instagram	60
3.3	Marketing e Financiamento Coletivo	65
3.4	A Bíblia	72
4	Considerações Finais	73
5	Bibliografia	75
6	APÊNDICES	78
	Apêndice A - Bíblia	
	Apêndice B - Material Gráfico do Instagram	
	Apêndice C - Capa dos Roteiros	

1 Introdução e Contextualização

No século XIX, Sojourner Truth evidencia um grande dilema na discussão de gênero, ela traz um forte questionamento sobre o que é ser mulher, já que alguns homens dizem que é necessário ajudar as mulheres a subirem nas carruagens, atravessar o lamaçal e que elas têm que ocupar os melhores espaços disponíveis. Entretanto, Truth, como mulher negra, nunca ouviu nada disso nem teve ajuda de ninguém. O feminismo hegemônico enfrentou um grande dilema, a universalização da categoria mulher.

Apenas em sua terceira onda feminista, mulheres como bell hooks, Angela Davis, Kimberlé Crenshaw e outras acadêmicas do gênero, começaram, de fato, a cunhar terminologias sobre a interseccionalidade, a crença de que mulheres são plurais, seja em raça ou orientação sexual. A partir desse entendimento, que cunhou o termo “feminismo interseccional”, percebemos o ser mulher em suas diversas camadas sociais e vemos as violências que acontecem todos os dias, de forma diferente para cada mulher.

Gosto de começar mencionando que a interseccionalidade pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos – uma vez que parte do projeto da interseccionalidade visa incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos. Ele procura também desenvolver uma maior proximidade entre diversas instituições. (CRENSHAW, 2002, p. 8)

“A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (CRENSHAW, 2002, p. 10), por isso, é essencial sinalizar a questão da categoria “mulher”. Monique Wittig diz, alinhado ao argumento de Sojourner Truth, em seu discurso “E Eu Não Sou Uma Mulher?”, que a mulher é uma pessoa específica, no padrão, branca, europeia, com seus traços bem definidos, além de heterossexual. Porém, essa não é a realidade da grande parte das mulheres, nem sequer a realidade do Brasil. A partir do senso de que as mulheres são diversas e diferentes, seja em aparência, personalidades e vivências, neste trabalho, irei descrever as mulheres sempre no plural, devido a diversidade necessária no audiovisual, e nesse próprio projeto.

Além disso, como na própria língua portuguesa, que descaracteriza qualquer grupo de mulheres se há a presença de um homem sequer, neste trabalho me proponho a fazer o contrário. Se houver citações ou a narração da minha própria memória e experiência, todos os

pronomes aqui usados serão no feminino, como um gesto político para apresentar as mulheres dentro do cinema e da academia, para que não sejamos mais “o outro”, como aponta Simone de Beauvoir. Em “Marias”, somos sujeitos e exercemos aqui nosso olhar. Além disso, como mulher e cineasta, acredito que, ressaltando o feminino nas produções e pesquisas, resalto a presença de mulheres na produção audiovisual, principalmente no cinema brasileiro.

O que uma análise materialista faz por meio do raciocínio, uma sociedade lésbica o realiza de fato: não só não existe o grupo natural “mulheres” (nós, as lésbicas, somos a prova disso), mas, como indivíduos, também questionamos “a mulher”, algo que, para nós – como para Simone de Beauvoir - é somente um mito. Ela afirmou: “não se nasce mulher, torna-se. Não há nenhum destino biológico, psicológico ou econômico que determine o papel que as mulheres representam na sociedade: é a civilização como um todo que produz essa criatura intermediária entre o macho e o eunuco, que é qualificada como feminina. (WITTIG, p. 1, 2006)

Dito isso, este trabalho final é a memória da criação de uma série de televisão que se define em três aspectos principais, a de ser um produto feminista, brasileiro e cotidiano. Estes três aspectos são o que moldaram a criação da série, as temáticas dos episódios e a formação de uma equipe de roteiristas composta 100% por mulheres, além de ter uma equipe de *marketing* composta por mulheres cis e pessoas não binárias.

Apesar da Faculdade de Comunicação não haver, pelo menos durante a minha trajetória no curso de 2016 a 2021, aulas com enfoque em televisão, novela ou séries, eu tive a curiosidade e a oportunidade de ter acesso a livros que me deram o pontapé no entendimento do processo de produção de uma série, como “Na Sala de Roteiristas” da pesquisadora Christina Kallas, o qual me ensinou diversos formatos de construção das salas de roteiro de diversos gêneros de televisão, além do impacto desses produtos em seu público. Com esse apreço e curiosidade de explorar mais, defini que este trabalho precisava ser uma série.

No que concerne o produto ser baseado no feminismo, é a produção de uma série que dá enfoque em vivências e personagens mulheres, sejam elas cis ou trans, apontando para as suas diferenças em estilos de vida, classe social, crenças, sexualidade e raça. Além disso, o universo dessas mulheres é uma vivência brasileira, com o recorte de problemas vivenciados por nós, mas com base nas experiências pessoais e familiares das roteiristas desse projeto. Ademais, há uma grande base acadêmica de escritoras e pesquisadoras feministas.

“A curiosidade em relação àquilo que acontece ao seu redor é o elemento que dá o pontapé inicial a essa busca. A observação do cotidiano nos abastece de experiências empíricas que ajudam a compreender a realidade em que estamos inseridos.” (SHINODA,

2017, p. 59). Camilla Shinoda, em sua tese de mestrado, aponta que “é preciso lembrar para não esquecer” (2017, p. 65), e, ao produzirmos cinema, seja documentário ou ficção, de certa forma a autora relembra diálogos, conversas, situações ou até seus próprios sentimentos, e os transcreve para um roteiro. Livros de roteiro ensinam métodos para criar histórias com base em nossa própria realidade, como “Da Criação Ao Roteiro” de Doc Comparato, o subcapítulo “As Ideias Não Surgem do Nada” aponta diversas formas de formas de se ter ideias para um história, como a ideia selecionada, ou verbalizada, ou transformada (2018, p. 57-60).

O filme “Que Horas Ela Volta?” de Anna Muylaert, por exemplo, aborda a temática das empregadas domésticas em casas de famílias ricas, principalmente aquelas que tiveram que deixar para trás suas próprias famílias, em busca de dinheiro para mantê-las. Essa é uma história que tem em diversas casas brasileiras, não exatamente como está apresentado no filme, mas com a realidade dessas mulheres e os conflitos. O que torna esse filme extremamente interessante, na minha opinião, é essa construção da sociedade brasileira de forma tão palpável, em seus diálogos, construção da história e direção.

Durante a trajetória na universidade, tive a chance de iniciar um curso de francês, e descobri uma das minhas palavras favoritas, “*Flaneur*”. De acordo com meus estudos, a pessoa *flaneur* era aquela que gostava de observar o dia a dia, o banal, e também ser uma personagem que questiona as essências mais íntimas do ser humano, buscando o entendimento de si mesmo, e das outras. “Ela se interessa pelo mundo inteiro; quer saber, compreender, apreciar tudo o que se passa na superfície de nosso esferóide” (BAUDELAIRE, 2010 *apud* SHINODA, 2017 p. 61). Creio que essa minha fascinação na figura da *flaneur* seja apenas um resquício do meu interesse do cotidiano.

Além da minha formação em audiovisual, como na UnB podemos ter um ensino multidisciplinar, cursei algumas matérias de Comunicação Organizacional, Administração e Publicidade, tendo me gerado diversos conhecimentos sobre *marketing* e produção de conteúdo e, como o mercado tem exigido muito dos profissionais esses conhecimentos sobre redes sociais, aproveitei a experiência do TCC para poder criar também conteúdo e divulgar a série “Marias”. Afinal, uma questão muito importante para os produtos de série de hoje, além de uma boa qualidade do produto, é o investimento em divulgação e *marketing*.

Em resumo, a série foi produzida associando meus estudos sobre cinema brasileiro e feminismo. Conteí com uma sala de roteiristas e produzimos um instagram repleto de conteúdo, além de uma bíblia do projeto. A série já é muito maior do que o que posso

apresentar nesta pesquisa, mas como qualquer projeto audiovisual, começamos com uma ideia, e discorreremos sobre o processo nos próximos capítulos.

1.1 Reflexões e Antecedentes

Minha trajetória na UnB e no audiovisual iniciou-se em agosto de 2016, quando pisei pela primeira vez no Minhocão¹ para uma palestra com a diretora Anna Muylaert e a atriz e egressa do curso de comunicação, Camila Márdila. Na palestra, Muylaert falou sobre a necessidade de mais mulheres no cinema brasileiro, e sobre o seu mais recente filme: “Que Horas Ela Volta?” (2015). A partir dessa palestra, minha mente e eu estávamos extremamente animadas e abertas para as possibilidades que a universidade pública tinha de me oferecer nos próximos 5 anos que se sucederiam.

A minha turma de audiovisual sempre foi muito composta por mulheres, tirando três meninos, éramos, mesmo que pequena, uma turma com diretoras, roteiristas, fotógrafas, diretoras de arte, montadoras, técnicas de som e produtoras, área que eu descobriria uma grande afeição e habilidade.

Após realizações de diversos curtas-metragem, sejam trabalhos de faculdade ou curtas independentes, fiz amizade com diversas pessoas de outros semestres, participando de Blocos 2², TCC's e projetos independentes das colegas de faculdade, quase sempre na área de produção e produção executiva. Essas experiências me deram a possibilidade de ver mais sobre os filmes em si, em como eles eram feitos desde a concepção do roteiro, o acompanhamento da pré-produção e os longos e gloriosos sets de filmagem. Foi transformador... Ainda é.

Nas produções universitárias, eu sempre via um grande número de mulheres encabeçando as equipes, em diversas áreas - seja em fotografia, direção, montagem, arte -, que eu admiro muito até hoje. Se eu for nomear as profissionais que eu mais gosto de trabalhar, com certeza seriam 90% mulheres. E são essas mulheres que estão, de uma forma ou outra, presentes nesse projeto que dá título à esta memória.

A primeira vez que eu fiz um trabalho remunerado na área de Produção Executiva, foi na “Cinema Urbana: Mostra de Filmes de Arquitetura de Brasília”³ entre julho e novembro de

¹ Instituto Central de Ciências, prédio mais conhecido do campus Darcy Ribeiro, da UnB.

² Bloco é o período do sexto semestre do curso de Audiovisual da UnB onde as alunas produzem um curta-metragem com recursos financeiros.

³ Primeira edição da Cinema Urbana, mostra de filmes realizada entre os dias 08 a 12 de outubro de 2019.

2019. Felizmente, na sala da produção e direção, só havia mulheres. Nesse trabalho, conheci a produtora brasileira Daniela Marinho, que tenho a oportunidade de trabalhar em conjunto, como Produtora Assistente, na Moveo Filmes, desde fevereiro de 2020.

Dani é uma das pessoas mais profissionais, talentosas e trabalhadoras que eu conheço e, a cada dia, eu aprendo mais sobre a produção, o ofício e o trabalho que dá para realizar diversos projetos, assim como editais e monitoração de festivais e mercados. A Dani é uma mulher que desafia as pesquisas, ela busca sempre chamar mulheres para os projetos e engrandecer e crescer juntas. É uma proposta que eu concordo e admiro.

A partir de todas essas experiências da faculdade e de observar a realidade do mercado, afinal, apesar de eu ter a oportunidade de estar rodeada de diversas mulheres muitíssimo talentosas, eu ainda percebia a misoginia em colegas homens, em qualquer tipo de projeto. Eu percebia esse tipo de comportamento na minha própria família, quando eu falava sobre filmes e cinema, e os homens à minha volta achavam que sabiam mais do que eu - sendo que estudo esse assunto.

Já no corpo docente da faculdade de audiovisual, eu tive um número consideravelmente menor de professoras, sendo apenas a professora Rose May e Denise de Moraes. Já a minha orientadora, professora Emília Silberstein, entrou somente após eu finalizar as matérias teóricas do Bloco 1⁴, onde tive apenas professores homens, já que a professora Denise estava de licença.

Apesar disso, na minha própria trajetória, eu tive a oportunidade de ter um diferencial, não tão grande assim, de mulheres no início da minha carreira profissional, o que fez com que fosse natural para mim pensar primeiro nas mulheres talentosas a minha volta, assim como me juntar a coletivos de mulheres do audiovisual. Portanto, esse projeto, a Série Marias é mais um passo da minha vida acadêmica e profissional.

Ao longo das próximas seções, vou discorrer sobre como foi a experiência de realizar um projeto com base em mulheres na concepção de uma série antológica até a criação de personagens, e como esse projeto trouxe diversas admiradoras.

1.2 Problema de Pesquisa

⁴ Período do quinto semestre de audiovisual na Universidade de Brasília, em que temos um conjunto de disciplinas focadas na prática audiovisual, principalmente no momento da pré-produção de filmes.

A razão e motivações deste produto existir, é a necessidade de criar um produto que, ao contrário do que vemos geralmente no cinema, nacional ou internacional, tenha apenas mulheres no processo técnico e criativo, desde a concepção da série até a pós-produção dos episódios. Assim, aumentando o número de mulheres dentro das áreas técnicas, criativas e de negociação do audiovisual brasileiro, principalmente no recorte de séries brasileiras.

De acordo com a pesquisa da Agência Nacional de Cinema, ANCINE, de 2018⁵, entre os anos de 2017 e 2018, não houve mudança nos 24% de mulheres que escreviam roteiros em produtos para televisão. Já a produção executiva, contando com 42% de participação feminina, teve um aumento de 3% em relação aos 39% em 2017. Ambas as áreas estão vinculadas diretamente com o início de uma produção de série, que conta com a sala de roteiristas, sendo esse processo parte do produto, que abordarei mais tarde.

Porém, é importante ressaltar não só o aumento da participação de mulheres atrás das câmeras, mas é necessário uma apresentação dessas mulheres à frente das câmeras. Como ressalta Monique Wittig (2006) em seu texto “Não Se Nasce Mulher”, não é apenas a questão da apresentação de uma mulher - padrão - na mídia, mas, sim, de mulheres diversas em suas questões internas e em seus fenótipos.

Portanto, na série *Marias*, é um ponto essencial o desenvolvimento e participação de protagonistas mulheres de forma não estereotipada. Um ponto perceptível no cinema em geral, são os estereótipos de cinema:

Estereótipos trabalham na sociedade tanto para estabelecer quanto para manter a hegemonia do grupo dominante (homens brancos e heterossexuais) e para marginalizar e excluir outros grupos sociais (homossexuais, negras, mulheres, a classe proletária). Estereótipos, então, produzem posições agudas entre grupos sociais na intenção de manter limites entre eles. Os limites também são normativos. Estereótipos de gays e lésbicas como a “queen” e a “dyke/sapatão” reproduzem normas heterossexuais de gênero pois indicam que a mulher lésbica ou o homem gay falham perante a norma heterossexual padrão: expressando que elas não podem ser nunca “realmente” mulher e homem. (SMELIK, 1998, p. 136, tradução nossa)⁶

Em relação às mulheres, há a aparição de diversas personagens recorrentes e “batidas”, como por exemplo a mulher preta favelada ou ultrassexualizada, a mulher branca

⁵ Pesquisa intitulada “Participação feminina na produção audiovisual brasileira (2018)”.

⁶ Trecho original: Stereotyping works in society both to establish and to maintain the hegemony of the dominant group (heterosexual white men) and to marginalize and exclude other social groups (homossexuais, blacks, women, the working class). Stereotypes, then, produce sharp oppositions between social groups in order to maintain clear boundaries between them. They are also normative. Stereotypes of gays and lesbians such as the queen and the dyke reproduce norms of gendered heterosexuality because they indicate that the homosexual man or woman falls short of the heterosexual norm: that they can never be a 'real' man or woman.

rica e patricinha, geralmente loira e burra, ou a asiática extremamente inteligente que serve para alavancar a aventura do personagem maculino.

Filmes, e especialmente aqueles que vem de Hollywood, foram criticados por produzir esteriótipos dominantes de homossexuais - como o “viadinho”, o jovem homem solitário, o psicopata gay, o andrógono sedutor, a não-mulher, ou a lésbica vampira - e falhando em representar os “reais” gays e lésbicas. Para espectadores héteros, esses estereótipos podem confirmar um preconceito, enquanto para espectadoras lésbicas e gays, pode encorajar um auto-ódio. (SMELIK, 1998, p. 136) (Tradução nossa)⁷

No Brasil, a atriz Taís Araújo e seu esposo, Lázaro Ramos, são profissionais que são muito abertos quanto à questão de atuar sendo uma pessoa negra. Em entrevista para a Folha de São Paulo, eles abriram sobre o assunto.

Se Taís se tornou a princesa negra da TV, Lázaro Ramos é o príncipe. Formado no Bando de Teatro Olodum, grupo de atores negros de Salvador, o ator, 30, só teve papel de protagonista desde que chegou à TV.

Para ele, a televisão vive um "momento de reconstrução na questão da inserção do negro". "Há novelas com muitos atores negros, mas que falam da violência, e há negros nos papéis de médico, gay..." Mas ressalta que sua carreira "é exceção". "A TV vem mudando muito lentamente e ainda não foi tão esperta quanto a publicidade, que já percebeu que o negro é consumidor e quer se ver refletido."

Para ele, "é preciso parar com esse negócio de tratar negro como ator negro". "O personagem de Fábio Assunção [mocinho da novela "Negócio da China", afastado por problemas pessoais após esta entrevista] poderia ser feito pelo Rocco Pitanga. Eu, no começo da carreira, fiz testes e consegui papéis variados, como o surfista de "Carandiru" e o garoto de "O Homem que Copiava". Agora que sou famoso, recebo convites com a rubrica "ator negro". [Devem falar:] "Ah, tem esse cara aí que é negro e é bom ator"."

A sociedade brasileira se mostra dividida ao analisar a representação do negro na TV (veja ao lado). Enquanto 31% dizem que os negros aparecem da forma como realmente vivem, 27% acham que são retratados de forma mais positiva do que vivem na realidade e 33%, de forma mais negativa. (MATTOS, 2008)

Assim como Lázaro retrata na entrevista, apesar dele ser um excelente ator, ele nunca será considerado apenas ator, e, sim, um ator negro.

De fato, um estudo aponta que, desde o início da teledramaturgia brasileira até a adolescência de Taís, os negros, quando apareciam, não eram os heróis. O livro e documentário "Negação do Brasil" (2000), de Joel Zito Araújo, mostram que interpretavam principalmente empregados domésticos, escravos e criminosos.

Nos últimos anos, acredita Taís, meninas e meninos negros passaram a ter referências positivas na TV. E seu nome está ligado à mudança. Ela foi a primeira mocinha negra em uma novela majoritariamente feita por atores brancos ("Da Cor

⁷ Trecho original: "Films, and especially those from Hollywood, were criticized for reproducing dominant stereotypes of homosexuals- such as the sissy, the sad young man, the gay psychopath, the seductive androgyne, the unnatural woman, or the lesbian vampire- and failing to represent 'real' gays and lesbians. For straight spectators, such stereotypes could confirm prejudice, while for gay and lesbian spectators they might encourage self-hatred."

do Pecado", 2004). "Quando me chamaram, pensei: "Meu Deus, como isso é importante para a sociedade! Se a Globo aceita, o Brasil vai aceitar". (MATTOS, 2008)

E mesmo que haja mudanças nos papéis que Lázaro e Taís recebem e interpretam, eles são apenas uma das exceções, enquanto o restante das pessoas negras que buscam carreira na atuação, são a regra. Porém, essa questão de papéis estereotipados, não cabe apenas às pessoas negras. Há estereótipos em diversos produtos audiovisuais por aí.

Nota-se que as mulheres têm papéis muito bem definidos na sociedade, aos olhos do patriarcado, mas também aos olhos umas das outras, afinal, a mulher, a personagem padrão da nossa sociedade, tem características extremamente específicas, como esclarece Wittig:

Quando se analisa a opressão das mulheres com um enfoque materialista e feminista, se destrói a ideia de que as mulheres são um grupo natural, ou seja, "um grupo racial de um tipo especial: um grupo natural, um grupo de homens considerado como materialmente específico em seus corpos". Uma sociedade lésbica revela, pragmaticamente, que essa separação dos homens da qual as mulheres têm sido objeto é política, e mostra que temos sido reconstruídas como um "grupo natural". No caso das mulheres, a ideologia vai longe, já que nossos corpos, assim como nossas mentes, são os produtos dessa manipulação. Em nossas mentes e em nossos corpos nos fazem corresponder, traço a traço, com a ideia de natureza que tem sido estabelecida para nós. Somos manipuladas até o ponto em que nosso corpo deformado é o que chamam "natural", o que supostamente existia antes da opressão; tão manipuladas que finalmente a opressão parece ser uma consequência desta "natureza" que está dentro de nós mesmas (uma natureza que é somente uma ideia). (WITTIG, 2006, p. 1)

A experiência de ser humana é plural e distinta, apesar de, sistematicamente, certos grupos sofrerem e terem experiências similares, como por exemplo as pessoas pretas experienciarem o racismo, mulheres sofrerem com a misoginia e pessoas LGBTQIAP+ a homofobia ou transfobia. Ou mais de um desses preconceitos em conjunto.

Portanto, ao convivermos em sociedade, é necessário uma visão interseccional, afinal, todas as pessoas são diversas e têm experiências individuais e coletivas. Em seu texto "Idade, Raça, Classe E Sexo: As Mulheres Redefinem A Diferença", Audre Lorde ressalta as diversas camadas de ser humana, pois cada traço de sua vida traz individualidade para ela, mas, ao mesmo tempo, lhe traz experiências coletivas.

Como lésbica negra, feminista e socialista de 49 anos, mãe de dois, incluindo um menino, e integrante de um casal interracial, eu geralmente me percebo como parte de algum grupo definido como outro, desviante, inferior ou simplesmente errado. (LORDE, 2019, p. 141)

Além disso, é importante ressaltar a experiência de uma comunidade, afinal, quando construímos uma série, o objetivo é que ela tome forma e seja conhecida e assistida por diversas pessoas, gerando entretenimento. Quando um produto audiovisual gera uma empatia, ligação com seus espectadores, a chance deste produto ser um sucesso, é grande. A partir desse conhecimento, a série *Marias* visa se relacionar com as diversas nuances do que é sermos mulheres. Ver nossas diversas experiências de vida em tela.

Socialmente, as mulheres que são mais idealizadas⁸ tem características específicas: são brancas, cisgênero - pois em pleno 2021, há quem diga e acredite que mulheres trans não são “mulheres de verdade” - e heterossexuais, dado que não é “natural” mulheres se relacionarem entre si, seja parcial ou exclusivamente. “‘A mulher’, algo que, para nós – como para Simone de Beauvoir - é somente um mito. Ela afirmou: ‘não se nasce mulher, torna-se.’” (WITTIG, 2006, p. 1).

Por isso, como uma mulher branca e cisgênero, faço parte de um grupo privilegiado, o que quer dizer que posso ter mais oportunidades na minha vida, por conta dessa característica racista e transfóbica da nossa sociedade. Ao reconhecer meu próprio privilégio e do silenciamento de outras mulheres brasileiras, sejam elas negras, asiáticas, indígenas, pessoas com deficiência, entre outros, desejei e criei a série *Marias*, um projeto que propõe unir as vozes dessas mulheres que tanto são silenciadas na estrutura patriarcal e racista da nossa sociedade.

Reparação é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios. (KILOMBA, 2008, p. 46)

Portanto, a série *Marias* visa seguir essa visão feminista e interseccional como base para a criação da série, das histórias, das personagens e do posicionamento das redes sociais.

1.3 Justificativas

1.3.1 Do tema - Representação de mulheres brasileiras

Nós, mulheres, vamos continuar a ocupar espaços, tanto à frente quanto atrás das câmeras. E ao estar presente nesses espaços, é necessário discutirmos e abordarmos o que

⁸ Importante ressaltar que essa idealização nunca chega aos pés do respeito que se é historicamente dado aos homens brancos e cis-heterossexuais. Há repressões, sim, em relação a essas mulheres brancas cis-heterossexuais, porém não é a mesma quando aliamos a questão do racismo, homofobia ou transfobia.

significa sermos mulheres em produtos audiovisuais e, conjuntamente, trazer mulheres para as equipes desses produtos, introduzindo um espaço de fala em que possamos realmente ser protagonistas e discutir nossas vivências.

Quando vemos homens participando cada vez mais e monopolizando o olhar, nós vemos personagens femininas tendo dor e sofrimento para mover sua história, ou pior, a história de um homem. Vemos, além disso, diversas personagens mulheres sendo silenciadas e mortas de maneiras gratuitas e violentas, sem uma real mudança de enredo. Como por exemplo, a personagem da Sansa Stark (Sophie Turner), na última temporada de “Game Of Thrones”, que diz que é grata pelos estupros que sofreu por que eles a tornaram quem ela é - o que por si só é um absurdo, ninguém deveria sofrer um estupro.

Outro exemplo, em um filme *blockbuster*, é a personagem da Viúva Negra (Scarlett Johansson) que foi morta durante o filme “Vingadores: Ultimato” (2019) sem sentido algum, sozinha com um funeral vazio e sem importância. Posteriormente, em 2021, a personagem finalmente ganhou um filme solo⁹, porém ele veio no momento em que não era mais relevante acrescentar camadas na história de uma personagem que não será mais recorrente no universo Marvel. Além disso, o filme não acrescentou informações para os próximos filmes da longa história dos vingadores, salvo pela cena pós-créditos, que não inclui a personagem da Viúva Negra.

Além de uma boa construção de histórias de mulheres em obras audiovisuais, é necessário pensar sobre a representatividade e diversidade nesses produtos. Por exemplo, em “Brooklyn Nine-Nine” (2013-2021), a atriz Stephanie Beatriz, relatou que quando sua colega de elenco, Melissa Fumero, que também estava fazendo a audição para participar da série, foi contratada para ser atriz da personagem Amy, Beatriz desistiu da ideia de ganhar um papel no show, já que é quase impossível terem duas atrizes latinas na mesma série. Alguns dias depois, ela recebeu o convite para interpretar a personagem Rosa Diaz. Hoje em dia, a série Brooklyn 99 é uma das comédias mais aclamadas pelo público, com 87% de aprovação do público no site *Rotten Tomatoes*¹⁰.

⁹ A Viúva Negra, em conjunto com o Gavião Arqueiro, são os únicos heróis originais da Marvel que não tinham um filme solo. O público achou o filme desnecessário, e há diversas críticas de que ele deveria ter vindo antes da morte da personagem.

¹⁰ Site que possui “os recursos de recomendação mais confiáveis do mundo para entretenimento de qualidade.” (Retirado do próprio site) (Tradução livre).

Desde que entrei no cursinho preparatório do vestibular e, principalmente, na UnB, me encontrei e me aceitei de diversas formas e, a partir desse autoconhecimento crescente (afinal, nunca paramos de nos entender e nos encontrar), eu senti necessidade de me reconhecer em cada vez mais produtos que eu assistia. Porém, não apenas me encontrar, mas ver todas as pessoas que estavam ao meu redor e todas aquelas que não tem tanto espaço na mídia, eu sinto a necessidade de conhecer e compreender mais a realidade de outras pessoas. Afinal, o audiovisual, na minha opinião, é a melhor forma de nos mostrar outras realidades que não temos contato tão íntimo, porém isso muda quando essas realidades vêm cheias de estereótipos.

Nos últimos tempos, ao necessitar ver outras realidades nas telas, assisti muitas séries e filmes que mostravam personagens e histórias diversas. Muitos desses produtos servem de referência para este trabalho, como “Easy” (2016-2019), “Modern Love” (2019-hoje), “Grace e Frankie” (2015-hoje), “Brooklyn 99” e alguns livros como “Os Sete Maridos de Evelyn Hugo”. Várias dessas obras, sejam elas estadunidenses, coreanas, alemãs ou espanholas, fizeram parte de um imaginário sobre cotidiano que me deixou fascinada. Os diálogos, a construção de personagens, aparência estética e os *beats* levavam, não apenas a história, como também a minha vontade de ver até o último episódio e desejar mais temporadas ou assistir toda a filmografia de uma certa cineasta.

Essas referências fazem parte do meu imaginário sobre *storytelling* e o entendimento do que eu gostaria de acompanhar e criar, porém, foi necessário também, a construção de um repertório brasileiro. Na faculdade, me deparei com muitas histórias estrangeiras para construir meu repertório cinematográfico, e não há nada de errado em se inspirar e conhecer histórias internacionais (a não ser que elas sejam exclusivamente histórias em inglês, estadunidenses e inglesas, afinal, a mentalidade colonial ainda persiste com a criação de uma hierarquia que opera de uma mesma forma, utilizando de outros métodos para manter a hegemonia). Todavia, nos últimos semestres da minha graduação eu percebi que estava falando sobre fazer filmes, mas não pensando que seriam filmes brasileiros e que eu não compreendia muito o que é um filme brasileiro.

A partir desse questionamento, eu comecei a assistir mais filmes e séries brasileiras, com foco em filmes mais recentes e cineastas que admiro, como Laís Bodanzky, Anna

Muylaert e Kleber Mendonça Filho. Até realizei uma pesquisa¹¹ com a professora Emília no PIBIC (Programa de Iniciação Científica) sobre alguns filmes dessas diretoras. Alguns dos conteúdos seriados que vi foram aqueles de canais de streaming, como “Coisa Mais Linda” (2019-2020), “3%” (2016-2020), “Bom dia Verônica” (2020-hoje), “Ninguém Tá Olhando” (2019) e “Manhãs de Setembro” (2021-hoje), e tenho tentado me manter atualizada sobre conteúdos brasileiros, para dar o meu *view*.

A partir desses filmes e séries, notei uma falta de pluralidade de olhares e de diversidade entre as pessoas que produziam esses produtos e quem os estreavam. Mesmo o Brasil, com toda extensão, história, miscigenação e pessoas oriundas de diversos lugares do planeta, com diferentes crenças, relações, famílias e hábitos, não apresenta em suas telas de televisão e cinema o cotidiano feminino diverso. Essa pouca representatividade me deixou com uma sede gigantesca de explorar e conhecer mais das nossas histórias.

A partir de todo esse repertório e caminho individual, surge a necessidade de criar o meu próprio produto, não apenas uma história que eu quero contar, mas uma história que eu necessito assistir e debater. Eis que crio, em união a outras mulheres que irei falar mais tarde, a série “Marias”, que visa ter essa diversidade, com histórias de mulheres complexas.

1.3.2 Do formato - Uma série antológica

Em “Memórias da Plantação”, de Grada Kilomba (2008), ela manda uma carta em sua edição para português, que diz:

E sinto-me profundamente feliz, grata, confesso até extasiada, quando penso nas tantas pessoas que finalmente o podem ler, numa língua (e linguagem) na qual se podem também entender e encontrar. (KILOMBA, 2008, p. 13)

Essa é uma frase marcante no texto por conta do que Kilomba vai nos apresentar posteriormente, essa necessidade da fala e do uso de palavras que as pessoas irão compreender, tornando o conhecimento acessível, principalmente quando tange pessoas negras, que, por conta dos processos de colonização e escravização, são negados a melhores oportunidades de vida. A pensadora nos apresenta a importância de seu estudo, experiência e como transpassar tudo isso para a escrita, de uma forma menos rebuscada, ao contrário do que

¹¹ “O Olhar Sobre as Mulheres no Cinema Brasileiro”, apresentado no 27º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília.

outros estudiosos europeus escreviam, pois acreditavam que o conhecimento era para poucos. Além disso, Kilomba traz na edição em português a necessidade de apresentar notas de rodapé, pois “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (KILOMBA, 2008, p. 14).

Ademais, as pesquisas acadêmicas são importantes por conter dados e informações, sentimentos e experiências, principalmente quando diversificamos e questionamos o *status quo*. Esse aspecto é abordado por Grada Kilomba, em seu livro “Memórias da Plantação” e pela pesquisadora Djamila Ribeiro em seus diversos escritos de fácil acesso (de leitura e financeiro). É importante ressaltar como podemos aproximar, no dia a dia, a academia das pessoas que não tiveram a oportunidade de ingressar em um ensino superior. Esse tipo de escrita é essencial para avançarmos como sociedade, para que cada pessoa se reconheça e entenda que o que ela experiencia, não é algo individual e, sim, coletivo.

E esse conhecimento coletivo é essencial para que todas as pessoas tenham a oportunidade de se entender e compreender o que acontece com elas à sua volta, e a academia não pode deixar de lado as vivências humanas de certos grupos, em prol de outros. Os “fatos” e os “conhecimentos científicos” não deveriam ser questões limitadoras de opiniões e experiências de minorias.

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, se torna-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. (KILOMBA, 2008, p. 51)

Portanto, como cineasta brasileira, devido à misoginia, homofobia, racismo e transfobia, acredito que devo utilizar as palavras, tanto no produto “Marias”, quanto neste memorial, de forma muito bem pensada, a fim de me comunicar com o público alvo da série para que eu possa expressar certos entendimentos com auxílio do cotidiano que diversas mulheres e eu passamos. Afinal, um produto audiovisual é feito para ser visto e compartilhado, e temos a intenção, na série *Marias*, de fazer um produto que dialogue com muitas mulheres brasileiras, em suas situações cotidianas.

A linguagem escrita não é o meu maior forte no momento, porém, sei que o audiovisual é uma das melhores maneiras de entregar mensagens ao público, fazer com que compreendam. Por me encontrar nessa linguagem, conto com a realização de um produto

audiovisual seriado, para distribuir os sentimentos de diversas mulheres brasileiras, para dialogar a nossa relação com o cotidiano, de forma saudável e sempre pela voz de mulheres, além de diversificar esse olhar, causando uma maior empatia do público.

O formato seriado pode dialogar com diversas pessoas, tanto por conter um maior número de episódios, havendo, portanto, uma maior oportunidade para desenvolvimento de personagens e narrativa, além de um episódio possuir um tempo reduzido se comparado a um longa-metragem. A partir da decisão de realizar “Marias” que tanto dialoga com muitas pessoas e apresenta mulheres diversas como protagonistas, chegamos ao formato antológico¹².

Já no audiovisual, a história não é diferente, existem diversas antologias, que podem se configurar nesse formato de história única por episódio ou temporada. Uma das antologias mais conhecidas é “American Horror Story” (2011-hoje) criada por Ryan Murphy, em que cada temporada conta uma história de terror que aborda personagens e locações distintas.

Algumas antologias que se desenvolvem em um episódio por vez é “Easy” (2016-2019) da Netflix, que serve de grande inspiração para esse projeto. A série é uma antologia de três temporadas, que conta com histórias de relacionamentos, sendo que algumas das histórias que assistimos na primeira temporada, vemos suas continuações em outros episódios mais para frente, além de que todas as histórias estão levemente conectadas, já que se passa em Chicago e alguns personagens se conhecem.

“Modern Love” (2020-hoje) é a série da Amazon Prime Video, que também aborda pontos sobre amor e relacionamentos, e está sendo um grande sucesso, abordando diversas temáticas como saúde mental, luto, se descobrir LGBTQIAP+, entre outros. E, assim como “Easy”, aborda questões cotidianas de maneira leve e prazerosa.

Por último, mas não menos importante, gostaria de ressaltar a série da HBO “Room 104” (2017-2020) criada pelos irmãos Duplass. A antologia se passa em um pequeno e simples hotel nos Estados Unidos, sendo o lugar que une todas as histórias. Apesar de “Easy” e “Modern Love” abordarem sempre histórias de relacionamentos e amor numa ficção cotidiana, em “Room 104” observamos que o gênero dos episódios mudarem muito, tendo episódios de um intenso drama, navegando pelo gênero do terror e da comédia, até mesmo episódios profundamente estéticos e lúdicos, possibilitando uma gama gigantesca de histórias e personagens.

¹² A antologia é definida como um conjunto que forma diversas obras, que têm uma mesma temática, período ou autoria. Existem diversas antologias como o livro “Feminino e Plural: Mulheres no Cinema Brasileiro” das organizadoras e pesquisadoras Karla Holanda e Marina Cavalcanti Tedesco.

Por isso, o formato antológico é o que mais foi interessante para a narrativa diversa que “Marias” quer contar. Apesar de nos fixarmos no gênero cotidiano de hoje em dia, nós também temos uma flexibilização de uso dos gêneros que vamos abordar ao longo dos episódios. Essa versatilidade, inspirada pela série da HBO, é o que nos permitiu criar histórias dramáticas, comédias e alguns episódios com um quê de fantasia.

Algo que me foi questionada ao longo da matéria de pré-TCC¹³, foi a questão da série antológica, que não era muito comum ou assistida pelo público ou por mercados, porém, algumas das séries mais faladas na atualidade e são muito populares são antologias, como é o caso de “Black Mirror” (2019-), uma antologia episódica e distópica da Netflix. A série aborda as telas eletrônicas e a questão humana, como podem causar fatalidades e questionamentos éticos. Seja pela série ser extremamente bem trabalhada, seja pelos streamings darem mais espaço para esse tipo de narrativa, as antologias estão para ficar.

Entre 2017 e 2018, o gênero começou a mostrar que talvez não só tenha ganhado espaço, mas sim se tornado a nova regra de 2019. Produções como Feud, Room 104, Black Mirror, Fargo, Easy, True Detective, High maintenance e The sinner mostraram como podem ser populares. Já O alienista, American crime story: O assassinato de Gianni Versace, Dirty John e Genius mostraram que também podem ganhar a crítica. (NUNES, 2019)

De acordo com o estudo já mencionado da ANCINE, em 2018, nos gráficos da Televisão, apenas 24% das roteiristas eram mulheres, sendo que foram analisados 1.000 roteiros, totalizando apenas 240 peças escritas por mulheres. No ano anterior, 2017, a porcentagem se manteve a mesma, porém houve um número maior de roteiros analisados (1.016 títulos).

Além disso, há a área de produção executiva, que teve um aumento de 2017 para 2019 de três pontos percentuais (de 39% a 42%), o único percentual que mudou em CPBs¹⁴ emitidos em ambos os anos. A área de produção executiva, em uma série, é extremamente importante, pois esse crédito é dado para a figura da *showrunner*¹⁵ que “é responsável pela ideia inicial, elas são as criadoras da série e muitas vezes também são creditadas como roteiristas” (CAMPOS, 2021, p. 42-43).

¹³ Matéria de Comunicação em que realizamos antes de escolher uma orientadora para realizar o TCC propriamente dito.

¹⁴ CBP é sigla para Certificado de Produto Brasileiro, um documento que comprova que a obra audiovisual foi produzida no Brasil.

¹⁵ *Showrunner* não tem termo traduzido para o português.

As áreas de roteiro e produção executiva são extremamente reconhecidas como cargos de liderança e por dar a “cara” das obras, juntamente com a figura da diretora, tendo muito prestígio em premiações. Infelizmente, de acordo com os dados de gênero brasileiros, esse prestígio não é reservado para as mulheres.

Devido a esses dados, é imprescindível que a série “Marias” seja uma obra realizada com 100% de participação feminina, já que as mulheres não são sequer 50% das pessoas que participam do mercado. Para que seja um trabalho em que há uma verdadeira representação feminina, tanto à frente, quanto atrás das câmeras.

2 Referencial Teórico

As mulheres são a maior inspiração e fonte de pesquisa deste memorial, portanto, a série *Marias* se baseia em pensadoras, autoras, cineastas e mulheres que me acompanharam durante a minha jornada acadêmica, principalmente no que tange às pautas feministas. A língua portuguesa advém do latim e é uma linguagem arcaica e que “vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* da história colonial” (KILOMBA, 2008, p. 12-13), sendo inflexível, tanto na norma culta, quanto no dia a dia, para desenvolvermos novas formas de expressão. Aqui, quero resgatar a língua como uma forma de inserir as minorias que construíram esse projeto em união a mim, portanto, todas as menções de sujeitos, que não foram categorizados primeiramente como masculinos, serão reescritas neste projeto no feminino, resgatando as mulheres em meio aos homens. Portanto, as palavras no feminino serão prioridade, tanto na tradução das minhas próprias palavras e sentimentos, quanto das citações e paráfrases de outras autoras. Afinal, “só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as *muitas* identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento” (KILOMBA, 2008, p. 13).

Além da adoção de uma linguagem que inclui mulheres, me baseio, em maioria, em estudos realizados por mulheres, tanto nos aspectos de gênero, quanto em cinema e roteiro, que são os pilares do produto e memorial que produzi. Estudos feministas de gênero seguem a vertente interseccional, para adotar e unir as vozes de diversas mulheres brasileiras, entendendo suas individualidades, assim como suas coletividades.

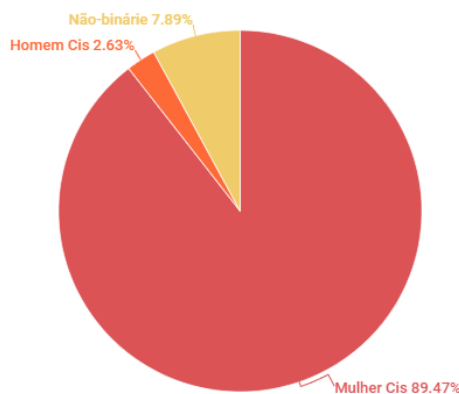
2.1 As Mulheres no Cinema Brasileiro

As mulheres no cinema brasileiro existem aos montes, em diversas áreas, posso citar inúmeras cineastas como Daniela Marinho, Mariana Souto, Rafaela Camelo, Petra Costa, Anna Muylaert, Edileuza dos Santos, Adélia Sampaio, Laís Bodanzky, Lílís Soares, Letícia Simões, Cris Lyra, Daniela Thomas, Viviane Ferreira, Helena Ignez, Suzana Amaral, Eliane Café, Helena Solberg, Júlia Katherine, entre outras milhares de mulheres brasileiras que produzem obras brasileiras.

Entretanto, geralmente, não estamos tendo nossas vozes, histórias e narrativas chegando nas grandes telas de cinema, ganhando prêmios em festivais de renome ou tendo ideias sendo compradas por grandes canais, de televisão ou streaming, para produzir com total liberdade criativa e grandes orçamentos. Principalmente quando falamos sobre mulheres negras ou LGBTQIAP+.

Para alcançar uma maior representatividade neste projeto, realizei uma pequena pesquisa para apresentar a diversidade que busquei e busco atingir na série Marias. Ressalto que, como Marias é um projeto que ainda não gera renda, a maioria das pessoas que estiveram presentes nesse projeto são universitárias e recém formadas. Ou seja, não foi possível remunerar a equipe (ainda).

Figura 1 - Gráfico Equipe Geral¹⁶ da Série Marias, índice de Gênero.



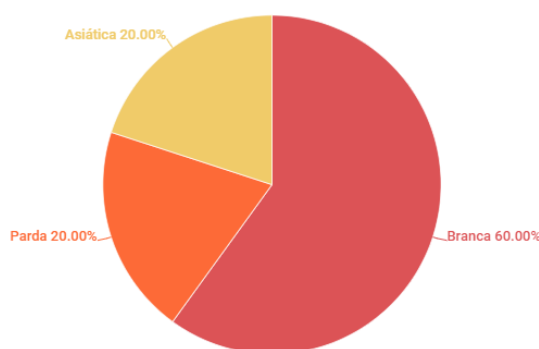
Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

A partir do gráfico acima, conseguimos perceber que há uma inclusão de gênero, com a maioria da equipe composta por mulheres cisgênero, 89,47% dentre as 28 pessoas que participaram do projeto.

¹⁶ Aqui contabilizo todas as pessoas que participaram da série Marias até o momento, entre as equipes de Roteiro, *Marketing* e Piloto.

Em relação à Sala de Roteiristas, ela foi composta unicamente por mulheres cisgênero, e houve diversidade em termos de sexualidade e raça. As roteiristas fazem parte da comunidade LGBTQIAP+. E a questão da raça foi um pouco menos diversa do que o previsto, visto que a maioria foi composta de mulheres brancas (vide Figura 2), principalmente depois da saída de uma das nossas roteiristas, porém ainda há uma pluralidade racial e trabalhamos intensamente essa questão ao longo da formulação das personagens.

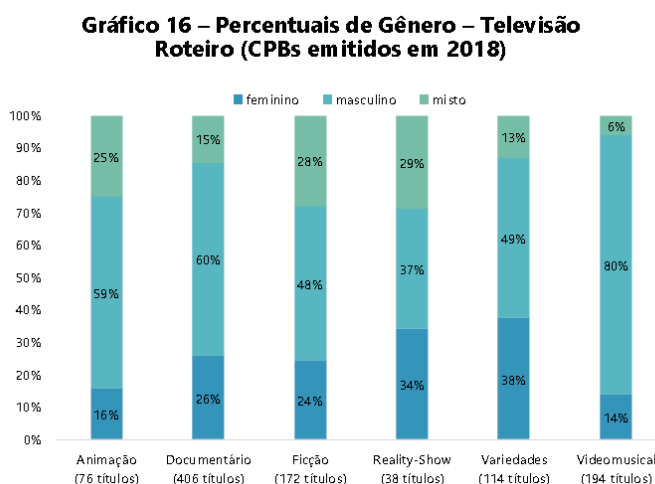
Figura 2 - Gráfico da Sala de Roteiristas, índice de Raça



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Já no cinema brasileiro, podemos perceber que não chegamos perto dos números do projeto “Marias”. Em 2018, de acordo com a pesquisa da Ancine, em séries de ficção (seriadas e não-seriadas), apenas 24% das roteiristas eram mulheres. De acordo com a pesquisa, apesar de haver um destaque de roteiro (28%) e produção executiva (43%) da média geral, em comparação com 2017, não está perto de 50%, um índice que poderia gerar uma ideia de igualdade.

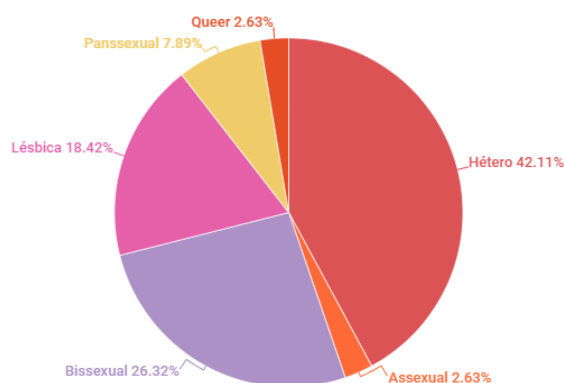
Figura 3 - Gráfico de Percentuais de Gênero de Roteiristas da Televisão em 2018.



Fonte: Pesquisa da Ancine, 2018.

Em relação à sexualidade, houve uma grande diversidade, visto que o projeto buscou abraçar pessoas fora do padrão da sociedade para participação, focando em mulheres, mas não excluindo pessoas não-binárias e queer. Segue o gráfico abaixo:

Figura 4 - Gráfico Equipe Geral da Série Marias, índice de Gênero



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Por fim, me orgulho enormemente de ter conseguido juntar tantas mulheres e pessoas maravilhosas nesse projeto, construindo uma equipe LGBTQIAP+ e aliadas, pessoas negras, pardas, brancas e amarelas. Desejo e busco, neste e em próximos projetos, ter mais diversidade e buscar sempre a inclusão dessas minorias.

2.2 Feminismo Interseccional

Ao longo da minha jornada no audiovisual, tive acesso e li diversos textos e artigos feministas, principalmente para a realização desse projeto e para meu PIBIC, já mencionado anteriormente. O primeiro texto feminista que tive acesso, no fim do semestre da aula de Teoria Estética do Cinema e Audiovisual, foi “Prazer Visual e Cinema Narrativo” da Laura Mulvey. Aquele texto foi inusitado, para dizer o mínimo.

Mulvey abriu meus olhos para uma questão que já estava no meu âmago, lembro de ter comentado muito sobre o texto na aula, pois fiquei muito animada com a leitura. A partir de Mulvey, eu senti o maior gosto pela pesquisa acadêmica e me interessei em estudar e combater a misoginia no cinema - não que fosse um tópico que nunca tinha pensado antes, mas que agora se justifica numa base científica.

Hoje em dia, Mulvey já me parece um pouco ultrapassada, com apontamentos que não falam sobre mulheres, e sim sobre uma mulher¹⁷. A partir da aula de “Comunicação e Gênero”¹⁸, que foi ministrada pela orientadora desta memória, consegui me aproximar mais sobre os diferentes tipos e epistemes feministas, principalmente diversificando meu olhar.

Quando diversificamos e estudamos mais sobre assuntos que não são ministrados cotidianamente, como feminismo, questões raciais e de gênero, isso causa um grande impacto no entender de si mesma. Digo isso, quanto a experiências pessoais minhas e de pessoas próximas à mim, sobre como não ter tido contato anteriormente com autoras que falavam o que me tangia como ser humano, o que faltava de conhecimento em mim para que eu fosse uma pessoa mais empática e compreensiva, com outros e comigo mesma.

No semestre que escrevo essa memória, participo da aula “Epistemologias Negras” com a professora Kelly Quirino, me aproximando mais de epistemes e pesquisadoras negras, sobretudo algumas brasileiras, tais como Neusa dos Santos e Lélia Gonzalez. Essas diversas epistemes que não fazem parte do nosso cotidiano, carregam questões, não apenas sociais, mas estéticas e da vida, que são essenciais para a construção de uma cineasta. Afinal, ao falar sobre arte, estamos falando sobre a sociedade, sobre nós e sobre política.

No que tange o feminismo, em sua linha interseccional, bell hooks é uma das minhas pesquisadoras favoritas, ela possui um apreço pelas palavras e sua linguagem é de fácil acesso e entendimento às pessoas dentro e fora da academia. Além disso, hooks escreve livros com o intuito de espalhar o feminismo e desmistificar questões que a sociedade patriarcal e capitalista inventa ou tenta vender, essa visão serve de inspiração para meu produto.

Como bell hooks declara em seu livro “O Feminismo é Para Todo Mundo”, “O trabalho do feminismo radical ao redor do mundo diariamente fortalece a solidariedade política entre mulheres além das fronteiras de raça/etnia e nacionalidade” (2019, p. 79), portanto, ao produzir uma série que apresenta conceitos feministas de forma sutil, posso contribuir para fortalecer o movimento.

hooks aponta que “o olhar é político” (2014, p. 215), e quando nós nos esforçamos para a produção desse olhar ser diverso, acredito que é nesse momento que podemos produzir arte com o objetivo de construir um pensamento crítico. Arte não é feita para você se sentir

¹⁷ Relembremos Witting nesse momento, pois não haviam muitas mulheres negras, homossexuais e não-brancas no cinema que Mulvey retrata. Hoje em dia temos mais acesso a outras visões, como bell hooks com “Olhares negros: Raça e representação”.

¹⁸ Matéria optativa da Faculdade de Comunicação, que aborda diversas das autoras que são a base desse projeto.

bem, é feita para você sentir alguma coisa, e o que eu gostaria de passar com “Marias” é um olhar que eu nunca pude produzir sozinha, um olhar que advém da união de olhares de diversas mulheres e pessoas que acreditam nesse projeto, que é necessário e pode ser revolucionário.

Esse olhar, que gosto de classificar como olhar feminista, por se pensar na produção de uma obra audiovisual, preve a criação de histórias que não venham de dores tão violentas. Afinal, quantas histórias clássicas e *mainstream* conhecemos, que tem personagens fortes e *badass* que tem um passado violento? Por que as personagens que são criadas, majoritariamente por homens, tem que vivenciar a dor antes de ser uma pessoa de destaque?

Ou as mulheres que têm que ser brutalmente assassinadas para elevar um personagem homem? Que sua misteriosa volta ao mundo dos vivos serve unicamente para entregar um “troféu” para o herói? O que devemos produzir é uma narrativa que não precisa de violência para seguir em frente.

“Marias” busca falar sobre essa diversidade de mulheres que não teve um passado violento para serem as pessoas que são hoje, ou que não tem que fazer uma mulher ser misógina e “parecida com um homem” para fazer ela ser incrível. Na série, buscamos abordar amores leves, conflitos que não envolvam dor, mas que podem e definem a personalidade das nossas protagonistas, e que fujam desses estereótipos de cinema que já estão muito ultrapassados.

Uma outra questão importante foi a diversidade racial dentro do projeto, mesmo que eu não atingisse uma igualdade entre as pessoas, afinal esse é um projeto universitário, eu gostaria de ter uma presença grande de pessoas diversas nesse projeto.

Essa diversidade trará ao projeto diversos olhares, pois, como a pesquisadora Djamila Ribeiro fala, é comum acreditarmos que pessoas em posições de poder hierárquicas parecidas têm as mesmas experiências individuais (RIBEIRO, p. 64, 2019). Não acredito nessa proposta que muitas produtoras usam, e é uma questão debatida na comunidade negra, de acreditar que só porque tem uma pessoa negra na equipe, automaticamente não vão ter problemáticas no que você produz.

Participo de um coletivo feminista de cinema, onde já ouvi diversos relatos das membras negras que foram convidadas a participar de salas de roteiro e projetos que falavam sobre a periferia, tinham questões raciais envolvidas e elas foram apenas chamadas para comporem a “cota de negritude”. Um dos relatos que mais me chocou, foi de uma roteirista

que foi chamada para fazer parte de uma série extremamente violenta que se passava em favelas, sendo que ela se foca na produção de produtos audiovisuais infantis - a sala de roteiristas era completamente branca.

O feminismo interseccional é a vertente feminista que busca enxergar a realidade, não da mulher, mas das mulheres, em todas as suas facetas. Reconhecemos que a sociedade brasileira funciona como uma pirâmide hierárquica em que homens cisgênero, heterossexuais e brancos estão no topo e que mulheres negras estão na base, porém essas estruturas são mais complexas, pois a vivência de mulheres negras não-hétero será diferente de mulheres negras héterossexuais, ou de mulheres trans.

Portanto, ao reconhecer essas diversas camadas que fazem uma pessoa, nós reconhecemos que elas podem sofrer diversas questões como heterossexualidade compulsória ou transfobia. Essas nuances de reconhecimento transformam a nossa maneira de enxergar a sociedade, o que ocasiona mudanças em nós mesmas.

Ao estudar e reconhecer essas questões, e ter mulheres diversas unidas a mim, temos mais chances de produzir histórias que abraçam as diversidades das mulheres.

2.3 Cotidiano e o Cinema Brasileiro

De certa forma, parece óbvio que realizaria um produto brasileiro. Afinal, sou brasileira, moro no Brasil e estou produzindo uma série passada na capital com personagens brasileiras. Porém, realizar um produto brasileiro, é algo imprescindível para mim, e um produto brasileiro é até considerado um gênero, por parte de algumas cineastas e pesquisadoras.

Como mencionei anteriormente, apesar de fazer e estudar cinema no Brasil, as obras brasileiras não fizeram muito parte dos meus primeiros anos de faculdade. Boa parte das pessoas que eu conheci e trabalhei tinham muitas referências estrangeiras, principalmente estadunidenses e inglesas. Porém quando penso em Brasil e cinema, me vem à mente atrizes renomadas, histórias do cotidiano e elementos-casa¹⁹.

Dentre os vários fatores que nos recordam do audiovisual brasileiro, a grande presença de questões cotidianas nos filmes foi o que mais me interessou. Na lista dos 10 filmes

¹⁹ Elementos-casa, aqui defino, como cenários, objetos ou estampas que refletem o imaginário brasileiro, podendo ser nacional ou regional. Um exemplo é o filtro de barro, elemento que associamos muito às casas do interior.

brasileiros mais aclamados, de acordo com a Forbes²⁰, diversos deles como "Que Horas Ela Volta?", "Hoje Quero Voltar Sozinho" (2014), "Central do Brasil" (1998) e "Carandiru" (2003), para citar alguns, têm histórias que abordam o dia a dia cotidiano, como a vida de uma empregada doméstica, a adolescência queer e o primeiro amor, a busca por um pai e o cotidiano de um médico.

A partir dessa construção do imaginário cotidiano, a espectadora que assiste obras audiovisuais interpreta os acontecimentos em tela e se relaciona com eles, como histórias que já aconteceram com ela ou que ela reconhece, tanto com pontos negativos (que provocam uma reflexão) ou positivos (de se relacionar e encontrar na mídia respostas para si mesmas). Afinal,

Diferentemente dos primeiros tempos do cinema, a espectadora de hoje não reage às imagens de um filme de forma ingênua, confundindo imagem e realidade ou desvirtuando o que a obra representa e a maneira como esse conteúdo é representado. (MORAES, 2014. p. 24)

Hoje vemos uma relação mais ativa da maioria das espectadoras para com os filmes, não excluindo essa figura instigadora anteriormente na história do cinema. A espectadora é provocada pela arte que está sendo apresentada, assim ela faz as próprias sinapses e executa uma conclusão e um pensamento, nunca final, mas contínuo sobre como a obra a impacta. Pois "a curiosidade, a observação do cotidiano, a valorização da memória e a capacidade de desenvolver empatia são aspectos que precisam estar presentes nesse processo." (SHINODA, 2017, p. 59).

Portanto, hoje, ao experienciarmos a arte, nós também temos consciência do entendimento de uma obra ficcional ou documental, nós compreendemos esses dispositivos cinematográficos e contribuimos ativamente para a construção da narrativa em instâncias cognitivas e fenomenológicas (MORAES, 2014, p. 24).

Com todas as mudanças estruturais no cinema, diz Denise Moraes, "as interfaces entre ficção e documentário, a hibridação de linguagens são exemplos de possibilidades narrativas que implicam no modo como o cinema conta uma história" (2014, p. 20), e no Brasil, criamos diversos filmes ficcionais que tem um certo quê de histórias cotidianas, documentais, acontecimentos que são diários e comuns em nosso coletivo.

20

Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2021/06/dia-do-cinema-brasileiro-10-dos-filmes-nacionais-mais-premiados-da-historia/> <Acesso 23/09/2021>.

Além disso, é importante ressaltar a questão do olhar de quem está produzindo a obra audiovisual, afinal, não há uma linguagem universal, assim como o dia a dia de uma pessoa é diferente do de outra, principalmente quando adicionamos cada vez mais complexidade e camadas sociais, de gênero, sexualidade, de emprego... E, quando temos apenas homens brancos produzindo esse conteúdo audiovisual, acabamos por acreditar que esse é a realidade, porém

por ser sempre esse mesmo ponto de vista tão maciçamente divulgado, ele foi naturalizado, isto é, passou a ser tido como algo universal. Mas temos que lembrar que esse é um olhar restrito, ele não abarca todas as possibilidades da existência humana. (SHINODA, 2017, p. 63)

Ao trazer o cotidiano para o audiovisual, nós percebemos histórias ficcionais que poderiam ter sido tiradas de documentários, no sentido de que são falas, situações e conflitos que vemos diariamente em nossas relações. E esse fenômeno não é puramente brasileiro, em 2017 foi lançado o filme “Corra!” de Jordan Peele, e o filme foi indicado no Globo de Ouro para a categoria de Comédia. O primeiro longa-metragem de Peele é um filme de terror racial, onde aborda a questão de um casal interracial que vai passar o fim de semana na casa dos pais da mulher branca, porém há uma seita que usa os corpos das pessoas negras como receptáculos para as pessoas brancas viverem mais e com corpos “mais fortes”²¹.

Figura 5 - “Corra” é um documentário.” (Tradução Livre)



Fonte: Google Imagens.

O cotidiano é uma temática que toca muito as pessoas, seja um cotidiano de classes baixas e médias, como “Que Horas Ela Volta?” e “Como Nossos Pais”, ou até cotidianos de reis, rainhas, como da família real inglesa na série “The Crown” (2016-hoje) ou pessoas com uma vida menos tradicional, como “Rua Augusta” (2018).

²¹ No filme, a comunidade branca crê no mito racial de que pessoas negras são mais fortes, vivem mais (que é um dos traços da nossa sociedade racista, em ver a pessoa negra como diferente da pessoa branca).

As séries antológicas que já citei nessa memória, como “Easy” e “Modern Love”, também são seriados que abordam essa questão cotidiana e que trazem a realidade de casais, amigos e familiares e seus relacionamentos. E essas séries atingiram o público e a crítica, com uma classificação das críticas de cinema e do público em geral, no site *Rotten Tomatoes*, de 90% e 84%, respectivamente para “Easy”.

No Brasil, o tipo de produto que é mais consumido são as novelas (e também um dos nossos carros chefes em exportação de entretenimento). As novelas apresentam, de forma ficcionalizada uma narrativa e estética próprias, o cotidiano brasileiro. E são extremamente aclamadas pelo público nacional e internacional, como “Avenida Brasil”²² que foi exportada para 147 países do mundo.

O cotidiano atrai, nós, brasileiras, e o mundo inteiro. E produzir, pensando nos aspectos mundanos, é uma estratégia muito interessante de uma perspectiva artística.

3 Desenvolvimento da Série “Marias”: Reflexões

Chegamos na parte em que a série “Marias” começou a tomar forma. Portanto, antes de iniciarmos, gostaria de esclarecer algumas informações. A série começou com um processo de escolha e montagem de sala de roteiristas, onde organizamos todas as histórias, personagens e fizemos a maioria dos roteiros da primeira temporada. No meio do processo, iniciamos um instagram para cultivar notícias tanto da série e para começar a campanha do financiamento coletivo para custear o episódio piloto, “Daniela”.

Entretanto, o episódio piloto não constará nessa memória, já que é um produto independente, que não foi apoiado pela Faculdade de Comunicação, devido a pandemia do COVID-19.

3.1 Sala de Roteiristas

Hoje em dia, é comum a realização de salas de roteiristas, que é um processo muito famoso e que se iniciou nos Estados Unidos. Porém, o início da utilização das salas de roteiro era bem diferente das estruturas que temos hoje em dia. Antigamente, o “primeiro ato da TV”, que aconteceu entre os anos 1930 e 1940, era composto por salas “mais extensas” em número de roteiristas e estruturavam-se “a partir das funções e aptidões de cada um” (CAMPOS,

²² Disponível em: <https://blog.clippingcacd.com.br/cacd/o-sucesso-internacional-das-telenovelas-brasileiras/> <Acesso 23/09/2021>

2021, p. 25). Não que, hoje em dia, não sejam utilizados os destaques de cada roteirista para produção de séries, se há uma editora de histórias que têm mais facilidade com diálogos, ela pode editar a história que está tendo problema com diálogos.

A partir dos anos 1990 e com o grande sucesso da série “Família Soprano” (1999-2007), o terceiro ato da TV se estabeleceu e acontece até hoje, por conta da multiplicação das telas, em que a televisão sai da tomada e passa a andar por todos os cômodos da casa, das ruas e meios transportes, a partir das nossas mãos, com celulares, tablets e notebooks (CAMPOS, 2021, p. 31).

As espectadoras cotidianas, comumente assistem conteúdos seriados de uma vez, como uma maratona, em inglês há o termo *bingewatcher*, que vem dessa nova modalidade de assistir séries. É muito comum pensar em séries como a estrutura de filmes longos, que apresentam mais acontecimentos e tem mais *plots*²³, mais diálogos e uma tensão que dura por muito mais tempo.

A sala de roteiristas de hoje é geralmente composta pelas figuras da roteirista júnior, editora de história, co-produtora, produtora, produtora supervisora, co-produtora executiva e *showrunner* (produtora executiva). As três primeiras figuras são apenas roteiristas, que não participam diretamente do processo da gravação da série, já todas as figuras com a palavra "produtora" no nome, são responsáveis por fazer com que as gravações aconteçam. A produtora e co-produtora são funções que “se envolvem em aspectos criativos da produção da série” (p. 41), já as figuras que lideram a sala de roteiristas, em ordem crescente, são a Produtora Executiva, a Co-produtora Executiva e a Produtora Supervisora.

Há a figura também da Consultora Criativa, que não precisa ter em todas as séries, mas é uma pessoa experiente e prestigiada que comenta as versões dos roteiros, não necessariamente escrevendo episódios, mas servindo de conselheira e tirando dúvidas. Ela também não precisa estar presente em todas as reuniões da sala (DOUGLAS, 2011 *apud* CAMPOS, 2021, p. 42). É muito comum em séries médicas, por exemplo, terem consultorias médicas, que podem auxiliar a organizar os diagnósticos, ou em seriados jurídicos, como em “Law and Order” (1990-2010).

No Brasil, a sala de roteiro foi, por muito tempo, negligenciada por pessoas que acreditavam que o processo de escrita de novelas é o mesmo processo de “sala de roteiro”,

²³ *Plot*, traduzido para o português, quer dizer trama ou ação. Segundo McKee, a “trama é a escolha de eventos da escritora e sua colocação no tempo” (2006, p. 54).

porém, não é verdade. As novelas possuem apenas as figuras dos colaboradores e pesquisadores, porém elas são escritas majoritariamente, de forma solitária, pela autora da novela. Hoje em dia, assim como a própria pesquisadora Bartira Bejarano aponta, não há muitos livros brasileiros ou até livros traduzidos, que falam sobre salas de roteiristas. Essa prática ainda é bem recente no Brasil, e tem crescido ao longo dos anos.

Apesar das novelas serem um grande sucesso, elas não podem ser consideradas séries. Quando o processo da série se inicia, e as “famílias” da sala de roteiro surgem, percebe-se que é um processo longo, cheio de nuances e que necessitam muitas cabeças para pensar, e “logo o roteirista aprende que escrever para a televisão é mais sobre o processo, do que sobre o produto” (CAMPOS, 2021, p. 54).

Enquanto os processos de escrita das novelas são mais silenciosos, com poucas reuniões em equipe e a maioria da escrita se deva à figura da autora, Bartira define as principais etapas do processo da sala de roteiristas, atual, dos Estados Unidos como:

Criar as tramas, as personagens e suas interações, desenvolver a composição e o ritmo dos episódios a fim de formar o arco da temporada e elaborar a escaleta, outline, de cada episódio - um documento que contenha a descrição das ações cena a cena, sem diálogos. Após estas etapas, a *showrunner*, ou outra roteirista-produtora que estiver liderando a Sala naquele momento, irá delegar os episódios para os roteiristas escreverem. (CAMPOS, 2021, p. 49)

Apesar de todo esse estudo me familiarizar com a produção de séries e como funciona os procedimentos da sala de roteiristas, junto com os relatos de diversos outros roteiristas no livro “Na Sala de Roteiristas” da pesquisadora Christina Kallas e “Como Escrever Séries” da Sonia Rodrigues, uma questão que eu sempre me deparava era o processo de escrever as séries. Porém, a antologia era um formato pouco falado ou até ignorado, apesar de haver grandíssimas séries, como *Black Mirror*, no auge de suas produções e sucesso.

Com isso, é mais comum pensar em sala de roteiristas para projetos de seriados não-antológicos. Ao analisar os créditos finais das temporadas de “Easy”, constato que foi um trabalho totalmente autoral de Joe Swanberg, que criou, escreveu e dirigiu todos os episódios, ocasionando uma estética e padronização dos episódios que, apesar de serem histórias diferentes, eles ainda sim formam um único laço que une série.

Em “Modern Love”, vemos mais uma mudança e a possibilidade de uma sala de roteiristas mais tradicional, já que na primeira temporada, há mais três roteiristas diferentes do criador, roteirista e diretor John Carney. Na segunda temporada da série, há ainda mais uma

diversidade de roteiristas, com apenas 2 episódios escritos por John Carney, os outros 6 sendo escritos por roteiristas diferentes.

Por assistir e gostar muito de seriados antológicos, o formato é muito atraente para mim, além dessa possibilidade de escrever múltiplas histórias, quando fui buscar mais acesso à *making ofs* e informações sobre o processo de criação dessas séries, não consegui muito acesso a estudos acadêmicos sobre como funcionam os procedimentos de escrita de histórias por trás desse formato. Essa memória serve também para poder iniciar um relato, um *making of* de uma antologia.

Em uma sala de roteiristas comum, temos várias etapas e profissionais encarregados de certas atividades, infelizmente nem todas aconteceram em “Marias”, mas nenhum cineasta saiu 100% satisfeito com a própria obra, principalmente quando estamos nos descobrindo em uma área ou outra. Como Wong Kar Wai fala para a MUBI, “Como o provérbio diz: ‘nenhuma pessoa jamais entra no mesmo rio duas vezes, pois não é o mesmo rio e não é a mesma pessoa’. Chegando ao final desse processo, essas palavras ainda carregam a verdade.” (Notebook, 2021) (tradução livre).

A sala de roteiro de “Marias” iniciou em 1º de fevereiro de 2020, nos reuníamos em uma sala de reuniões ao lado da Pupila Audiovisual²⁴, aos sábados de manhã. Aqui gostaria de deixar um agradecimento à diretoria executiva 2019-2020 por ceder esse espaço. Porém, em 14 de março chegou o COVID-19 no Brasil e em Brasília, o que acabou mudando muito nossos planos, duas das nossas roteiristas não estavam mais em Brasília, e sim com suas famílias em outra cidade/país. E começamos as nossas reuniões de forma online, através do aplicativo *Hangouts*²⁵, o que deu muito certo, apesar de muito esforço da parte de todas, o que me deixou extremamente grata por poder contar com essas mulheres incríveis que vou discorrer sobre logo mais.

A sala de roteiro não contou apenas com as nossas roteiristas, ao longo dos nossos meses de encontros, quatro mulheres vieram prestigiar o nosso trabalho e debater sobre nossas histórias, em suas visões únicas. Contatamos uma atriz, para conversarmos sobre as nossas personagens, duas roteiristas e a professora orientadora desta memória.

Por fim, quis realizar esse projeto com uma sala de roteiristas por enxergar, tanto a necessidade de unir vozes femininas a minha como forma de diversificar os olhares que

²⁴ Uma das três empresas juniores da Faculdade de Comunicação. Foi também a EJ que eu trabalhei entre 2017 e 2019.

²⁵ O aplicativo permitia reuniões sem limite de tempo, com recurso de compartilhamento de tela.

estarão compondo os roteiros. Afinal, eu tenho apenas a minha experiência pessoal que vem carregada de diversos privilégios. Além dessa questão, eu tenho também apenas uma perspectiva de ser uma mulher brasileira.

As mulheres que compuseram essa sala de roteiro também possuíam um conhecimento técnico de roteiro muito maior do que o meu, tendo feito roteiros para clientes dentro e fora da empresa júnior e escrito na faculdade, o que era uma experiência que me faltava, e que, se eu decidisse ter escrito essa série sozinha como John Swanberg fez, definitivamente ela não teria ficado tão incrível quanto ficou.

Vamos agora discorrer sobre todo o processo da sala de roteiristas da série “Marias”, contando com a ficha técnica abaixo:

CRIADORA e *SHOWRUNNER*: Heloísa Schons. **ROTEIRISTAS:** Luiza Chagas, Sofia Todd, Paula Hong dos Santos e Camilla Fernandes. **CONSULTORIA DE PERSONAGENS:** Tainá Cary e Emília Silberstein. **CONSULTORIA DE ROTEIROS:** Patrícia Colmenero e Renata Diniz.

3.1.1 Pré-Sala

Antes de iniciar os trabalhos, eu havia pensado algumas histórias para criar junto com as roteiristas, para não fazer o convite da sala de roteiro sem uma perspectiva do que iríamos trabalhar. Eu já havia definido que gostaria de escrever uma antologia episódica, mas ainda não havia definido 100% a história.

A primeira história que eu havia pensado, seria no estilo antológico, mas com um mesmo grupo de amigas, que têm diferentes estilos de vida e vivências. Foi algo descartado quando começamos a sala de roteiro (ainda bem).

O primeiro pensamento que tive, ao longo do processo de pensar em quem me acompanharia na sala de roteiro, foi ter mulheres que já conheciam e escreviam roteiros, tendo um gosto por realizar o projeto e construir histórias em conjunto. Além disso, eu gostaria de ter mulheres que eu gostasse de trabalhar e que não me daria problema em relação a prazos, faltar reuniões, e tudo o mais. Sempre fui muito assertiva sobre as minhas expectativas sobre as roteiristas e informando todas ao longo do nosso processo, como mudanças, datas e horários.

Por toda uma questão de privilégio, como comentado anteriormente, foi necessário pensar em mulheres diversas e que tinham certa experiência com roteiro (o que já era muito mais do que eu mesma tinha). Contatei, primeiramente, 6 mulheres do meu círculo social, perguntando se podiam me mandar alguns roteiros, das 6, apenas 3 me enviaram os roteiros. Li todos eles, fiz anotações e marquei uma reunião individual com cada uma.

Para me preparar para a reunião, produzi algumas perguntas pessoais, sobre estética, cinema, o universo das séries, para entender os gostos delas, além de perguntas sobre o processo de escrita, criação de histórias e processos de escrita de roteiro. Na reunião, também falei sobre os roteiros que li delas, expliquei a primeira história da série que havia pensado e expliquei como funcionariam as datas e se elas queriam um tempo para pensar na proposta antes de aceitar. Felizmente, todas aceitaram logo na reunião.

A periodicidade inicial para a sala de roteiristas foi de reuniões semanais de 1º de fevereiro até julho, sendo essas reuniões presenciais, na UnB, a partir das 9h. Depois, mudamos para o formato remoto através de reuniões online, devido à pandemia, e passamos a nos encontrar às 14h (horário de Brasília). Durante a escrita dos roteiros, separei em dois blocos de roteiro, onde cada roteirista sairia do projeto com dois roteiros finalizados. Cada bloco era composto por um período de estudo de personagens, criação de fichas de personalidade de certas personagens definidas por nós, *feedback* de uma atriz sobre essas personagens, depois a criação de uma escaleta, revisão de escaleta, criação do roteiro e três tratamentos, sendo o segundo tratamento seria recebido um *feedback* de uma roteirista sênior, de mercado. Todos os roteiros foram feitos por uma roteirista sozinha, mas com *feedbacks* de todas as participantes.

Por fim, em meados de outubro/novembro de 2019, escolhi Sofia Todd, Luiza Chagas e Paula Hong dos Santos para participar do projeto. Passei alguns livros e exercícios para elas se prepararem para a sala de roteiristas e criei um grupo no *WhatsApp* para nos comunicarmos. Nosso primeiro encontro ficou marcado para 1º de fevereiro de 2020.

3.1.2 Desenvolvimento das Personagens

Nas primeiras semanas focamos em definir como seria a série “Marias”. Eu tinha algumas ideias mais concretas de como seria a linguagem dos episódios, a mensagem que eu queria passar, e as meninas me auxiliaram dando diversas ideias de como poderíamos

trabalhar até chegarmos na definição de que personagens gostaríamos de criar. Ficou definido que teríamos episódios de cerca de 30 minutos, sempre com uma personagem protagonista que seria a primeira a aparecer, haveria cenas pós-créditos e que os temas poderiam ser diversos, assim como as protagonistas.

Nesse primeiro momento, lembro de ter ficado muito nervosa com o andamento da série, mas foi essencial para eu exercitar o entendimento que arte também tem um certo tempo para acontecer, precisamos de espaço, silêncio e tempo para reflexão. Aqui gostaria de fazer um adendo à Luiza, uma das roteiristas e uma das pessoas mais queridas da minha vida, sobre como ela me ajudou a me manter calma, sempre conversando comigo e falando sobre processos artísticos e sobre a necessidade do tempo. Também queria agradecer a minha orientadora, por ter apontado que todo esse trabalho é uma experiência, e que eu deveria aproveitar, e isso fez toda a diferença.

Quando definimos os caminhos que gostaríamos de seguir, surgiram as seguintes personagens para focarmos no primeiro bloco de roteiro.

Dani

A história de Daniela, ou Dani, surgiu do tópico de que Paula e Sofia comentaram sobre não conhecerem ou terem muitas referências de mulheres lésbicas mais velhas, em um relacionamento com pessoas de idades parecidas (há muitas referências de lésbicas ficando com mulheres mais jovens, como no filme “Carol”, dirigido por Todd Haynes, de 2015). A partir disso, desenvolvemos a ideia de uma protagonista mais velha, em seus 40/50 anos, lésbica, em um relacionamento estável com outra mulher de idade parecida, chamada Sônia.

Além disso, pensamos em construir alguma história com uma relação não-romântica entre uma pessoa mais velha e uma mais jovem, como uma avó e sua neta, mas acabou sendo acoplada na história de Dani. Essa personagem mais jovem, com uma relação não-romântica, se tornou Aimee, a filha de Sônia e, agora, enteada de Dani.

Quando separamos quem gostaria de ficar com cada personagem das histórias mais robustas que criamos, Dani ficou comigo para poder desenvolver ela mais profundamente.

Casa quieta, não se dá bem com os pais por conta da sexualidade, sempre era chamada de menina “machinho”, não gostava de se arrumar e a mãe era muito feminina. Teve alguns relacionamentos mas não eram longos, terminava pois ela não conseguia se abrir mas com isso ela se fechava mais por medo de se machucar. Teve um relacionamento com uma mulher e não se dava bem com o filho dela, o que

causou o fim do relacionamento. E hoje em dia se coloca uma pressão pra dar certo com a Aimee e a Sonia.²⁶

Uma das inspirações para a Dani ser essa personagem mais dentro de si, é a questão dela ser muito caseira e com espírito de artista, cabendo diversas personalidades dentro dela mesma. Uma das grandes inspirações para a personagem, e principalmente nesse seu sentido caseiro e introspectivo foram as obras da artista Vita Barreiros, como a da imagem abaixo:

Figura 6 - Arte que inspirou a personalidade da personagem Dani



Fonte: Página do Instagram de Vitória Barreiros.

Vita, inclusive, foi uma artista que ilustrou e nos emprestou algumas obras de arte para o piloto da série “Marias”.

Beth

Maria Bethânia, ou Beth, foi uma personagem que formulamos ao debater sobre a necessidade de personagens mais velhas no audiovisual, que não precisam ter suas “vidas úteis” finalizadas. Personagens que possam sonhar e realizar novas carreiras, mudanças de vida, viagens ou o que quer que elas queiram. Dessa discussão, surgiu Beth, uma senhora em seus 62 anos, que descobre a paixão por uma nova carreira.

Primeiramente, Beth era uma personagem mais cheia de si, ela que corria atrás das suas atividades e era mais independente, porém, com os *feedbacks* que trabalhamos ao longo da sala de roteiristas, a personalidade de Beth criou mais significados e Sofia elaborou novamente uma sinopse do episódio.

²⁶ Trecho retirado da Ficha de Personagem do roteiro “Daniela”, produzido em 06/03/2020.

O episódio de Beth é uma narrativa que traz em primeiro plano as relações familiares e a transformação pessoal da protagonista, que se emancipa emocionalmente por meio das artes cênicas.²⁷

Beth é um dos meus episódios favoritos, que demonstra as particularidades de uma família tradicional brasileira, ao mesmo tempo que apresenta a força de uma mulher mais velha que acaba discutindo com os próprios filhos ao afirmar sua independência.

Bárbara

Bárbara surgiu da vontade de criarmos uma história de carnaval, afinal, o que é mais brasileiro do que o carnaval de rua? A história ficou para ser um pouco mais desenvolvida por Luiza, que escolheu escrever esse roteiro.

Luiza definiu que Bárbara seria uma das personagens mais jovens da nossa história, já que Beth e Dani eram adultas. A descrição das motivações para o conflito de Bárbara foi redigida dessa forma:

Tem mãe e pai, desde sempre sabe que vive num ambiente familiar carinhoso, amoroso e superprotetor. Ela se dá bem com os pais, mas as proibições e estarem muito em cima têm lhe deixado mais nervosa com a falta de controle que ela tem da própria vida.²⁸

Luiza trouxe uma história mais lúdica para a série Marias, e foi um tópico de debate entre nós sobre essa questão mais fantasiosa. Porém, como é uma personagem em um episódio carnavalesco, acreditei ser muito interessante e que daríamos um jeito de encaixar essa história dentro da temporada.

Malu

Maria Luísa foi a personagem desenvolvida pela Paula, chegamos apenas até a parte que ela fez a ficha de personagem. Essa história está ligada à história da Beth, já que Malu é a sua neta que atua em diversos projetos publicitários por Brasília. Malu foi definida como:

Uma criança de classe média/classe média alta que tem como hobby atuar e manter um perfil no Instagram profissional (monitorado pela mãe), onde também interage com seus fãs, principalmente através de stories. Mas a garota gosta mesmo é de ter uma vida normal e das aulas de Biologia na escola.²⁹

A história de Malu estar ligada com Beth foi uma ideia inspirada pela série “Easy”, de ser uma personagem que tem ligação com as outras, além de termos vontade de voltar com

²⁷ Trecho retirado da Proposta Criativa do episódio “Beth”, produzido em 01/08/2020.

²⁸ Trecho retirado da Ficha de Personagem de Bárbara, produzido em 07/03/2020.

²⁹ Trecho retirado da Ficha de Personagem de Maria Luísa, produzida em 06/03/2020.

algumas personagens novamente no futuro. Mesmo que Malu não participe da primeira temporada, é uma história que estamos guardando para o futuro.

Bom, após definirmos e separarmos as personagens por roteirista ficou o trabalho de escrevermos suas fichas de personagem e iríamos receber a visita da atriz Tainá Cary para ela dar *feedbacks* sobre as nossas personagens. Após o primeiro mês, Paula teve que sair da nossa sala de roteiristas e a pandemia do COVID-19 chegou em Brasília. Devido à pandemia, tivemos que adaptar nossa sala de roteiristas para o modo online, o que funcionou bastante bem, apesar de ser mais cansativo, tivemos mais tempo para trabalhar, o que nos possibilitou termos alguns encontros a mais quando era necessário, e facilidade de horário. Infelizmente, o encontro com a Tainá foi bem no momento da transição, no dia 14/03, então nessa reunião, que aconteceu em um café na asa norte, apenas Luiza e eu estávamos presentes.

Recebemos diversos *feedbacks* sobre a Bárbara, como ela abraçar a ideia de personagem passiva, mas para tomarmos cuidado para que ela não fosse uma personagem muito “sonsa” ou “filhinha de papai” que não sabia cuidar de si mesma. Um dos *feedbacks* que mais achei interessantes foi a questão da Bárbara ser uma adolescente no carnaval pela primeira vez, e nós querermos não influenciar a questão de drogas lícitas ou ilícitas no episódio com a nossa personagem, e foi um dos elogios de Tainá. Bárbara trabalha muito bem com a questão do lúdico brasileiro, ideia fantasiosa do folclore e um quê de “Alice no País das Maravilhas”.

Já Daniela recebeu dicas que levei até o final, tanto para a minha própria personagem, quanto para o restante das protagonistas da série, uma dela sendo a perspectiva da protagonista ser a reinante, ser como uma “narradora não confiável”, pois, afinal, estamos vendo tudo sob a perspectiva dessa personagem. Por exemplo, Dani acredita que Aimee, sua enteada, não gosta dela, a odeia e tem um grande remorso, não querendo se aproximar dela e culpando Dani pelo relacionamento de seus pais não terem dado certo.

Outro *feedback* que Tainá falou sobre a história de Dani é em trabalhar os diálogos da história, mostrando um subtexto que provoque na audiência uma sensação de que as personagens se conectam e apresentam as pequenas coisas de seu relacionamento.

Em seguida, tivemos os *feedbacks* de Beth que, apesar de Sofia não ter estado presente na reunião, apresentamos essa personagem para Tainá. A história de Beth mudou um pouco entre a ficha de personagem, para a escaleta e para o roteiro, no início imaginávamos que ela

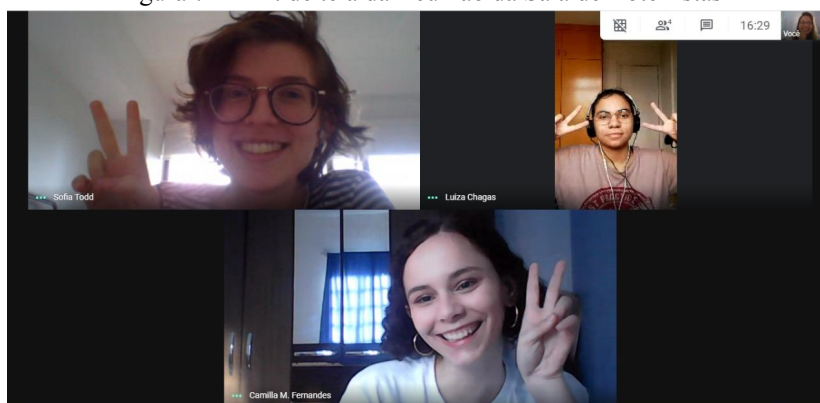
era uma palhaça, que poderia brincar consigo mesma e que, nas palavras de Tainá, “nada mais ridículo do que uma mulher que abre mão da sua própria vida pra cuidar dos netos”. Beth acabou que seguiu esse conselho em sua versão final, como veremos mais à frente.

A reunião com Tainá finalizou com nós perguntando a opinião dela sobre esse primeiro contato com a série “Marias” e sobre sua importância, e ela nos informou sobre a importância que demos as personagens, fazendo elas serem importantes e trazerem a empatia do público, tornando também “um local de todas nós”, pois tem particularidades das histórias de cada pessoa. Fiquei muito feliz com as impressões de Tainá, pois ela também é uma artista que admiro muito, e esse incentivo e carinho que ela nos demonstrou na reunião foram essenciais para continuar e saber que estávamos indo para um lugar interessante.

Após a reunião, minha próxima missão era procurar uma nova roteirista para voltarmos a ser quatro mulheres na sala. Conversei com 3 outras mulheres, porém apenas uma delas me respondeu no prazo apertado que eu tinha, que foi a Camilla Fernandes, que completou o nosso time de roteiristas, tendo sua primeira reunião em 28 de março.

Com o time completo novamente, tivemos que reorganizar nossos horários, já que Camilla e Sofia não estavam mais em Brasília, Camilla ia voltar para sua cidade natal e Sofia estava no México, com sua família, portanto nós mudamos nossa reunião para às 14h devido ao fuso horário.

Figura 7 - Print de tela da Reunião da Sala de Roteiristas



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Com tudo completo no primeiro bloco, definimos as personagens do segundo bloco:

Carla

Carla foi a personagem criada por Camilla, sua história teria como tema o casamento e o gênero de comédia. Carla é uma mãe de duas crianças que desconfia que o marido a está traindo, e começa a fazer amizade com Jaqueline, uma caixa do mercado local.

Carla tem questões como ser muito auto-centrada, gostar muito de cantar músicas sertanejas que tem relação com traição e é uma professora de biologia da rede pública, tendo um emprego estável, mas que ela não gosta. Já, seu marido, faz mestrado e não trabalha, apenas ganhando uma bolsa que não cobre quase nada dos gastos da família. Carla percebe que seu marido não a deseja mais.

A história de comédia quebrou bastante os dramas dos episódios desse segundo ciclo, e foi bem interessante ter essa nova narrativa, que me fez rir em diversos momentos durante as leituras na sala de roteiro. Vejo as risadas como um ponto importante quando falamos de comédia, já que em diversas salas de roteiristas de séries de comédia, sitcoms, entre outras, as risadas da equipe são essenciais.

Francisca

Francisca foi a segunda personagem de Luiza, ela surgiu de uma história que Luiza e eu fomos pegar um uber com uma motorista mulher, e ficamos muito interessadas em sua história de vida e como ela lida com as questões de ser uma mulher dirigindo por aplicativo. Na época, estavam acontecendo diversos acidentes com motoristas de uber, roubos e até assassinatos.

A história se desenvolveu primeiramente sobre a protagonista trabalhar como motorista de aplicativo e ser de classe média baixa, e vivenciando algumas situações como passageiros que não pagam o valor devido. O trabalho não é interessante para Francisca, mas ajuda a pagar as contas, e o carro de Francisca dá várias falhas ao longo do tempo. Além disso, gostaríamos que essa história tivesse um final agridoce.

O episódio teve diversas reviravoltas ao longo da escaleta e a protagonista agora convive com sua filha, Larissa, e com sua mãe doente. A história acaba falando muito sobre a questão de quebrar ciclos de abuso familiar.

Ciça é uma personagem que apresentou uma história bem densa e dramática, ao mesmo tempo que explora as gerações de sua mãe e sua filha, criando toda uma atmosfera de como a vida é complexa e difícil para as mulheres que não tem apoio emocional de uma outra parceira. É uma das histórias que mais me deixou emocionada ao lê-la.

Ágata

Ágata foi uma personagem que surgiu devido a conversas sobre “novas” formas de amar, como o amor livre, ou poligamia. A vulnerabilidade é um ponto muito importante na história de Ágata, devido ao reconhecimento de individualidades e confiança que você coloca

em seus parceiros. Além disso, é uma das histórias que gostaria de falar sobre como é importante ser honesta em seus relacionamentos, apresentando seu ponto de vista e as necessidades que você busca em uma parceria com outra pessoa. A primeira versão da história de Ágata foi:

Ágata está sempre confusa, ela saiu da sua cidade para experimentar além da sua vida cotidiana e conseguiu uma vaga em comunicação na UnB. Estudou e resolveu ficar em Brasília, ao invés de voltar para sua cidade natal, já que havia tido tantas mudanças com ela mesma, que não cabia mais em sua pequena cidade.³⁰

Um dos tópicos de conflito que eu queria criar com Ágata, foi a necessidade dela ter um relacionamento com a religião, mas ao mesmo tempo entender que seus ideais são um pouco diferentes do que prega o cristianismo de hoje. Ágata se entende como mulher panssexual e, no primeiro momento, se vê como uma mulher monogâmica. Ao longo do episódio, ela se descobre e tem um processo de aceitação de sua poligamia. Infelizmente, não é o que acontece com seu então namorado, Júlio.

Nesse episódio, quis trazer elementos da faculdade, dessas novas descobertas pessoais que todas vivenciamos e da auto-aceitação.

Rita

O episódio acompanha Rita, uma agricultora familiar de Brazlândia, ao longo de uma safra (período de mais ou menos um ano) em sua casa, no cerrado brasiliense. Rita tem que equilibrar o manejo de sua propriedade com questões de convivência pessoal, como a vinda de seu primo e sua esposa para o sítio e a relação distante com sua filha. A única companheira a receber todo o amor de Rita é Xuxa, sua cadela caramelo.

Rita foi desenvolvida e roteirizada por Sofia Todd, que trabalhou um pouco mais algumas questões de maternidade quando partimos para a escaleta e o roteiro. Durante a sala de roteiristas, com o final catártico do episódio de Rita, pensamos que esse poderia ser o último episódio da primeira temporada.

Depois da roteirização das personagens acima, e para seguir com o fechamento da sala, queríamos produzir personagens para 10 episódios, então passamos uma reunião para fechar mais 3 histórias que havíamos conversado no início do segundo bloco.

Ana

Esse episódio surgiu por sentirmos falta de uma história mais infantil dentre aquelas que já havíamos roteirizado. Ana é uma menina de menos de 10 anos de idade, do interior de

³⁰ Trecho retirado da Ficha de Personagem de Ágata, produzida em 05/05/2020.

Goiás, numa cidade pequena e bem pobre, que tem diversas questões religiosas como uma família que acredita que mulheres devem ser graciosas e homens podem ser mais “ousados”.

Porém, Ana não quer ser uma criança que arruma seus cabelos e vai para a igreja com vestidos de renda, ela quer jogar futebol com seus primos, mas até o seu desejo mais simples é negado, com a velha pretensão de que essas atividades não são “coisa de menina”.

As outras crianças, amigas e primas de Ana são as únicas que não entendem essa proibição de jogar bola, sempre incentivando e convidando a protagonista para brincar. Nesse episódio, debatemos a inocência das crianças, em contraponto com o preconceito das pessoas adultas.

Fernanda

Em meio a tantas personagens, percebemos que não havíamos falado de personagens como nós, universitárias, que estavam no início ou ao final do curso. Por isso, nós pensamos em uma história sobre uma república de meninas, com uma ideia de quase um duplo protagonismo.

Por um lado, temos Larissa, a caloura da faculdade. Nova na república, Larissa é uma jovem de 17 anos que passou na UnB, que sempre foi muito recatada e quietinha, porém ao encontrar um novo espaço, ela pôde se reinventar e fazer coisas que nunca imaginou fazer. Todavia, Larissa não sabia que tinha se mudado para o quarto “amaldiçoado” da república.

Por outro lado, Fernanda, a personagem que dá nome ao episódio, acaba de se formar na faculdade, seu contrato de estágio está finalizando e ela não está encontrando um novo emprego para poder se manter em Brasília. Ela, assim como Larissa, veio de uma cidade no interior, e tem medo de voltar, se sentindo fracassada, para uma cidade que não a abraça mais.

Na história, o conflito se dá quando Larissa chega de uma festa passando mal e Fernanda precisa se arrumar para ir à uma entrevista de emprego, mas ela não pode deixar Larissa sozinha.

Júlia

A última personagem, mas não menos importante, é Júlia. É importante ressaltar, que a história de Júlia não foi escolhida, apesar de ser debatida desde as primeiras reuniões, por uma questão de sermos todas mulheres cis na nossa sala de roteiristas. Por conta dessa nossa declaração de gênero, escolhemos não contar uma história que não poderíamos dar a melhor visão e experiência, mas mesmo assim, criamos uma base para essa personagem para, futuramente, ser escrita por uma mulher trans. Devo também ressaltar, a importância de ter

roteiristas trans no projeto para escrever mais do que apenas a história de Júlia, mas para poder contribuir com sua vivência em outras perspectivas e outras histórias.

O episódio de Júlia seria uma história de amor, em contraponto com diversas histórias de pessoas trans que apresentam as violências diárias que essa comunidade sofre. Na ideia original, Júlia faz parte de um coral, sendo ele um projeto cultural, que se mantém por recursos governamentais, porém, ela precisa lutar na justiça para preservar o projeto, pois querem derrubar o prédio onde acontecem os encontros do coral.

Júlia encontra um advogado e, após batalhar contra a demolição do prédio, Júlia e o advogado se encontram apaixonados. O foco do episódio é ter “Resistência mesmo quando está tudo dando errado.”³¹

Com essa última reunião, fechamos as personagens e histórias da primeira temporada da série “Marias”. Há outras personagens e histórias que conversamos ao longo das nossas reuniões, seja no primeiro ou segundo ciclo, as roteiristas e eu acreditamos que são igualmente importantes e interessantes para se abordar em futuras temporadas da série Marias, que guardamos para o futuro.

3.1.3 Roteirização das Histórias

Ao começarmos cada ciclo com as fichas de personagem, nós definimos quem era a pessoa que escreveria sobre aquela personagem, a partir de uma escolha de histórias que gostávamos e acreditávamos que contribuiria para a temporada, com a palavra final minha, e depois com base na escolha pessoal das roteiristas, de quem elas tinham mais vontade ou afinidade para escrever.

O ciclo, após a escolha das personagens, seguia com a ficha de personagem em conjunto com um breve argumento, e depois formulávamos uma escaleta, com duas revisões, e depois partíamos para o roteiro, com três revisões. Na segunda revisão do roteiro, nós convidamos uma consultora de roteiro, que tinha experiência, para ler nossos roteiros e dar *feedbacks*.

A escaleta de cada episódio foi realizada por cada uma das roteiristas, com base nos *feedbacks* e discussões que tivemos sobre os argumentos. A escaleta é um documento para

³¹ Trecho retirado da ata da reunião de 01/08/2020.

instruir a “visualização do roteiro em seu conjunto, uma espécie de plano de voo detalhado, cena a cena. A palavra lembra ‘esqueleto’, e é mais ou menos disso que se trata: as cenas darão carne e sangue a esse esqueleto, que as manterá articuladas” (CANNITO, SARAIVA *apud* SOUZA, 2017) e nós produzimos ela em um documento com a indicação da cena (número da cena, locação e indicação do tempo - manhã, tarde, noite). Sofia e Luiza acabaram também produzindo *beat sheets*³².

Figura 8 - Parte do *Beat Sheet* da história de Beth.

LOGLINE A vida em família é sempre complicada, ainda mais quando a avó descobre sua nova paixão pelas artes cênicas.	Dimensão temporal O episódio se passa aproximadamente no decorrer de dois meses.	Temas centrais Relações familiares, luto, independência, autonomia na velhice.				
ESTRUTURA E BEATS						
<table border="1"> <tr> <td>Ato I Conhecemos Beth e sua família. Miguel a leva para uma aula de teatro, instigando assim sua paixão. Cenas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8</td> <td>Primeiro almoço de domingo Apresentação da dinâmica familiar de Beth e seus filhos. São apresentadas as personagens principais e suas características principais. Cenas: 1, 2, 3, 4, 5. Pai falecido O conflito é apresentado na cena 2. Existe uma pequena briga entre Renata, Daniel e Beth sobre as coisas do pai, que ainda não foram guardadas. Beth não mostra preocupação, mas a questão é um ponto sensível entre os irmãos. Beth interage com uma foto dele na cena 5. O bar O bar é uma personificação do pai para os filhos e para Beth. É um elemento recorrente no episódio.</td> <td>Beth e o teatro Miguel leva Beth para um aula surpresa de teatro, com a intenção da Beth adotar uma atividade regular fora de casa. Beth demonstra relutância (positivo para negativo). Beth tem vergonha de participar da turma, mas é rapidamente acolhida pela professora Teresa. Beth se sente mais a vontade entre os jovens quando consegue fazê-los rirem (negativo para positivo). Cenas: 6, 7. Idade Beth demonstra preocupação e vergonha com sua idade, que é refletida nos filhos, mas é acolhida no teatro.</td> <td>Beth, Malu e Leticia Beth demonstra sua crescente paixão pela atividade quando mostra para Malu o que aprendeu nas aulas. Malu está entusiasmada, mas Leticia não dá muita bola. (positivo p/ negativo). Cena: 8. Reações dos filhos - Let Leticia enxerga a nova paixão de Beth como um hobby qualquer, totalmente diferente do trabalho de atriz que Malu faz. Demonstra uma indiferença que passa uma impressão desmerecedora, mesmo sem querer.</td> </tr> </table>			Ato I Conhecemos Beth e sua família. Miguel a leva para uma aula de teatro, instigando assim sua paixão. Cenas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	Primeiro almoço de domingo Apresentação da dinâmica familiar de Beth e seus filhos. São apresentadas as personagens principais e suas características principais. Cenas: 1, 2, 3, 4, 5. Pai falecido O conflito é apresentado na cena 2. Existe uma pequena briga entre Renata, Daniel e Beth sobre as coisas do pai, que ainda não foram guardadas. Beth não mostra preocupação, mas a questão é um ponto sensível entre os irmãos. Beth interage com uma foto dele na cena 5. O bar O bar é uma personificação do pai para os filhos e para Beth. É um elemento recorrente no episódio.	Beth e o teatro Miguel leva Beth para um aula surpresa de teatro, com a intenção da Beth adotar uma atividade regular fora de casa. Beth demonstra relutância (positivo para negativo). Beth tem vergonha de participar da turma, mas é rapidamente acolhida pela professora Teresa. Beth se sente mais a vontade entre os jovens quando consegue fazê-los rirem (negativo para positivo). Cenas: 6, 7. Idade Beth demonstra preocupação e vergonha com sua idade, que é refletida nos filhos, mas é acolhida no teatro.	Beth, Malu e Leticia Beth demonstra sua crescente paixão pela atividade quando mostra para Malu o que aprendeu nas aulas. Malu está entusiasmada, mas Leticia não dá muita bola. (positivo p/ negativo). Cena: 8. Reações dos filhos - Let Leticia enxerga a nova paixão de Beth como um hobby qualquer, totalmente diferente do trabalho de atriz que Malu faz. Demonstra uma indiferença que passa uma impressão desmerecedora, mesmo sem querer.
Ato I Conhecemos Beth e sua família. Miguel a leva para uma aula de teatro, instigando assim sua paixão. Cenas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8	Primeiro almoço de domingo Apresentação da dinâmica familiar de Beth e seus filhos. São apresentadas as personagens principais e suas características principais. Cenas: 1, 2, 3, 4, 5. Pai falecido O conflito é apresentado na cena 2. Existe uma pequena briga entre Renata, Daniel e Beth sobre as coisas do pai, que ainda não foram guardadas. Beth não mostra preocupação, mas a questão é um ponto sensível entre os irmãos. Beth interage com uma foto dele na cena 5. O bar O bar é uma personificação do pai para os filhos e para Beth. É um elemento recorrente no episódio.	Beth e o teatro Miguel leva Beth para um aula surpresa de teatro, com a intenção da Beth adotar uma atividade regular fora de casa. Beth demonstra relutância (positivo para negativo). Beth tem vergonha de participar da turma, mas é rapidamente acolhida pela professora Teresa. Beth se sente mais a vontade entre os jovens quando consegue fazê-los rirem (negativo para positivo). Cenas: 6, 7. Idade Beth demonstra preocupação e vergonha com sua idade, que é refletida nos filhos, mas é acolhida no teatro.	Beth, Malu e Leticia Beth demonstra sua crescente paixão pela atividade quando mostra para Malu o que aprendeu nas aulas. Malu está entusiasmada, mas Leticia não dá muita bola. (positivo p/ negativo). Cena: 8. Reações dos filhos - Let Leticia enxerga a nova paixão de Beth como um hobby qualquer, totalmente diferente do trabalho de atriz que Malu faz. Demonstra uma indiferença que passa uma impressão desmerecedora, mesmo sem querer.			

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na primeira reunião sobre as escaletas, cada uma das roteiristas apresentou sua escaleta, e abrimos uma discussão para debater a história, se faltava alguma coisa, se precisava de cenas a mais ou a menos, ou sugestões de onde podemos caminhar com as histórias. Além disso, havia sugestões de obras audiovisuais para serem assistidas, como filmes ou séries, para ajudar a elaborar mais a história.

As escaletas nem sempre vinham completas, e isso é normal, às vezes quando produzimos uma história não temos muita ideia de como chegar no final que planejamos, e estar em uma sala de roteiro, com outras pessoas, facilitava o processo de construção das histórias. E, além de facilitar o processo, como todas as mulheres ali presente tinham uma

³² “O *beat sheet* é um documento de todos os os pontos principais da trama. Uma forma de entender o encadeamento das ações e situações. Ele ajuda no desenvolvimento, e principalmente, na estrutura da trama. Muitos confundem ou até mesclam com o processo de escaleta, o que não é de todo errado.” Definição retirada do site Tertúlia Narrativa. (SOUZA, 2019)

certa experiência com roteiro, nós acabávamos falando bastante sobre estrutura, *beats*, pontos de virada e outras questões estruturais de roteiro.

Após a primeira revisão da escaleta, na semana seguinte levamos a escaleta revisada e com a história finalizada, pronta para roteirizar. Com essa discussão final, começamos a primeira versão do roteiro, utilizando o aplicativo *Final Draft*³³.

Os primeiros três roteiros que produzimos foram os das histórias de Dani, Beth e Bárbara. Na primeira reunião de *feedbacks*, no dia 04 de abril, eu pedi para todas colocarem os roteiros na sexta à noite, para que desse tempo de todas lerem os roteiros para a reunião na parte da tarde. Porém, nós ainda iríamos ler o roteiro durante a reunião para podermos dar *feedbacks* por cena - sendo essa a maneira que encontramos para facilitar a passagem de sugestões e observações.

Durante a reunião, nós lemos um roteiro, cada uma dava um *feedback* geral e depois passávamos cena a cena, e eu anotaria os *feedbacks* em uma ata, e cada roteirista anotava também, quando eram *feedbacks* do seu próprio roteiro. Como era a primeira vez que nós havíamos realizado a escrita dos roteiros, a gente queria produzir mais uma versão deles, antes de enviar para a Patrícia, portanto na semana seguinte, dia 11 de abril, realizamos mais uma sala com a produção desses *feedbacks*, no mesmo molde da última.

Na terceira reunião, ficou combinado que iríamos chamar a cineasta Patrícia Colmenero para participar como a primeira consultora de roteiros da série Marias. Patrícia Colmenero é diretora do longa-metragem “Na Barriga Da Baleia” (em fase de pós-produção) e autora do livro “Porque Até A Morte Terei Fome” (2012). Doutora em Cinema pela UnB, professora de roteiro no IESB, criadora do workshop “A jornada da heroína” e roteirista do 2º programa Globosat de Roteiristas.³⁴

Ficamos de nos reunir no sábado, dia 18 de abril, e acabamos prolongando a reunião com Patrícia, pois eram muitos roteiros a serem lidos e avaliados, e ela nos sugeriu nos reunirmos com ela mais dois dias para que ela tivesse tempo, entre suas aulas do IESB, para ler e dar *feedbacks*. A primeira reunião com Pat foi sobre o meu roteiro, “Daniela”, e ela comentou muito sobre o poder da escrita e como ser autora. Foram *feedbacks* muito construtivos para entender Dani como uma autora e a sua sede por produzir arte, além de me

³³ *Final Draft* é um *software* de roteiro para escrever e formatar roteiros, tendo várias formas de poder editar esses roteiros, realizar *beat sheets*, manter descrição de personagens... E ele também é compatível com os aplicativos que utilizamos para a produção da obra, como o *Movie Magic Scheduling*, para assistentes de direção.

³⁴ Texto curto que Patrícia nos enviou em 18/04/2020.

aprofundar mais nos arquétipos da protagonista e complexificar a relação dela com Aimee, sua enteada.

Pat sugeriu alguns métodos que eu, que tinha pouquíssimo contato com roteiro, fiquei muito grata de aprender, como escrever o que a Dani escreveria, realizar seu mapa astral, entender ela como personagem, ver alguns dos Arcanos Maiores do tarot para retornar a esse ponto de entendimento da protagonista.

Nesse momento, eu ainda estava muito ansiosa com o tempo de produção e tinha dificuldade para me deixar levar pela arte, de pensar com calma e apenas ter momentos de ócio para produzir, e ter uma pessoa que não me conhecia diretamente - eu nunca sequer tinha ouvido a voz de Pat antes daquela reunião - dizer para parar e repensar minha personagem, foi um alerta para mim.

Por fim, depois dos *feedbacks* de Pat, combinamos que iríamos falar com ela nos dias 25 de abril com o roteiro de Beth e no dia 08 de maio com o roteiro de Bárbara (no fim de semana anterior, nossa consultora estava indisposta).

Em 25 de abril, foi a vez de Sofia receber os *feedbacks*. Patrícia contou sobre como gostou da história, representando uma vida típica da família brasileira, dando *feedbacks* pontuais sobre as cenas durante o almoço, para definir um tempo filmico, além de ter uma definição dos netos como crianças dos tempos de hoje, além da classe social das personagens.

Uma questão que Pat apontou também, foi sobre o sentido nostálgico para estudantes de cinema, já que Beth, ao final do episódio, faz teste para um filme universitário. Ela nos trouxe a pensar sobre o luto da protagonista com seu falecido marido, e pensar também em como afetava seus filhos, que se tornaram muito mais próximos e grudados com a mãe.

Por fim, Pat recomendou alguns filmes e livros como “As Praias de Agnès” (2008) de Agnès Varda, “Temporada” (2018) de André Novais e o romance “40 dias” de Maria Valéria Rezende.

Na terceira reunião com a consultoria de Pat, ouvimos os *feedbacks* para o roteiro de “Bárbara”. Pat aconselhou que complexificasse mais as personagens dos pais de Bárbara - pois eles estavam bem caricatos e sem muita personalidade -, a melhor amiga da protagonista, Letícia e que a Bárbara tivesse um pouco mais de conflito, já que ela é uma adolescente que tem alguns problemas de manifestação de desejos, sobre o que é o objetivo da protagonista, mesmo que não ficasse muito explícito.

Pat também recomendou que tivessem algumas explicitações das fantasias de carnaval e cores no roteiro, já que era uma história de carnaval e seria mais uma camada para o roteiro, apresentando esses símbolos. Além de que a história tem um conflito interno, que muitas situações são interpretadas através da imagem e dos diálogos, sendo assim interessante trabalhar mais neles.

Porém, como o roteiro é bem brasileiro, uma história de carnaval, dá pra trabalhar bastante e ela gostou muito dos símbolos, como os guarda-chuvas de frevo, o carnaval de rua, e a ideia musical que poderia ter várias nuances da nossa própria musicalidade brasileira. Junto com seus *feedbacks*, Pat trouxe algumas referências, como “Restos de Carnaval” da Clarice Lispector, os filmes “Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar” (2019), de Marcelo Gomes, “As Boas Maneiras” (2017), de Juliana Rojas e Marco Dutra e “Mate-me, Por Favor” (2015), de Anita Rocha da Silveira.

A participação de Pat foi incrível, ter uma pessoa de fora, com uma bagagem acadêmica sobre roteiro, que acredita na força feminina para produzir arte, foi essencial para a continuação desse projeto. Foi uma das certezas de que “Marias” é importante e essencial, que é uma série válida e um produto que se materializa na certeza de trazer uma mudança. A série “Marias” me mudou muito, e mal posso esperar para ver ela impactar outras pessoas.

Como foi a primeira participação de uma consultora de roteiro, aprendemos que, no próximo ciclo, essa pessoa precisaria de um pouco mais de tempo para fazer a leitura e trabalhar com os *feedbacks*. Portanto, já que haveriam 4 roteiros ao invés de 3, planejamos que os próximos *feedbacks* da consultora se dariam em duas reuniões, cada uma com *feedbacks* de 2 roteiros, que seriam enviados com, pelo menos, uma semana de antecedência.

Continuamos com o segundo ciclo de roteiro: debatemos e conversamos sobre algumas personagens, definimos elas na reunião extra que fizemos numa terça, no dia 12 de maio, e no sábado, dia 16 de maio, levamos para a sala a ideia do nosso argumento, em conjunto com uma ficha de personagens, que discutimos por 2 semanas, para lapidar nossas novas protagonistas.

As personagens selecionadas foram Rita, Carla, Francisca e Ágata, essas personagens pertenciam a Sofia, Camilla, Luiza e eu, respectivamente. Em 30 de maio, realizamos a primeira versão da escaleta dessas personagens e combinamos uma reunião com a professora Emília, orientadora do projeto, para saber alguns *feedbacks* das personagens desse novo ciclo.

A reunião com a Emília aconteceu em 06 de junho. Durante a reunião, a professora deu diversos *feedbacks* com um conteúdo acadêmico para nos auxiliar a pensar mais na psiquê das nossas personagens. Uma grande questão para nós foi tornar essas personagens, sejam elas protagonistas ou secundárias, empáticas e críveis, pois “só é possível construir personagens ricas em complexidade com empatia” (RODRIGUES, 2018, p. 46), sendo a empatia “entender a lógica de uma mafiosa e de uma psiquiatra e escrever a partir da ótica de cada uma para que a audiência possa se entreter com as situações mostradas e refletir sobre elas” (RODRIGUES, 2018, p. 46).

A construção das personagens é uma característica importante em qualquer roteiro, pois é a personagem que faz com que a história vá para frente. Robert McKee diz “O verdadeiro personagem só se expressa em um dilema de escolha” (2006, p. 351) e que “a chave do Verdadeiro Personagem é o desejo” (2006, p. 351), e quem tem mais desejos e poder de escolhas que geram crises, do que personagens críveis e complexos?

Emília repassou *feedbacks* para a personagem Francisca, como o desenvolvimento de personagens masculinos e o conceito de Virilidade Laborativa - que a professora Valeska Zanello realizou algumas lives na época sobre. Sobre Carla, a Emília comentou sobre a necessidade de entrarmos mais na mente da nossa protagonista, vermos ela sozinha em alguns momentos e sentir o que ela está sentindo, transformar a história da traição mais implícita, sem de fato acusar ela (à la Dom Casmurro), e indicou o filme “Rebu: A Eglombra de Uma Sapatão Quase Arrependida” (2019), de Mayara Santana, pela questão humorística.

Posteriormente discutimos um pouco sobre a personagem de Francisca. Os *feedbacks* foram acerca da complexidade da protagonista, em como ela poderia ser mais bem trabalhada e mais palpável, pois conseguimos enxergar claramente seu conflito, mas não as suas motivações. Além disso, foi um ponto interessante a história das três gerações, que lembrou muito as histórias brasileiras que contamos em novelas.

Por fim, Emília comentou rapidamente sobre Ágata, como a história mescla a questão da religiosidade, com a questão dela se descobrir poliamorosa, mas também traz o questionamento se Ágata estaria mais incomodada com o fato de estar em uma relação poliamorosa, ou que essa relação incluía uma mulher. Também foi importante, tanto para ela, quanto para as outras roteiristas, a necessidade da irmã de Ágata no episódio.

A reunião com a Emília foi essencial para poder deixá-la mais próxima do projeto, entendendo como estávamos escrevendo as histórias e também entender o que ela pensava até

o momento dessa construção. Afinal, a sala de roteiristas foi há mais de um ano atrás, esse projeto já cresceu e evoluiu muito de lá para cá, e foi importante ter esse encontro, mesmo que breve, para incluir minha orientadora, mesmo que naquele momento ela não estivesse praticando a orientação de TCC ainda.

Seguimos com a reunião, apresentando brevemente nossas escaletas revisadas, já que havíamos começado a trabalhar nelas há duas semanas. Depois disso, no dia 13 de junho, nós tivemos uma longa reunião para ler a primeira versão dos novos 4 roteiros. Realizamos a reunião, com uma pausa no meio para descanso, com a leitura de cada roteiro, seguido de um *feedback* geral de cada roteirista, e *feedbacks* cena a cena de cada roteiro. Como sempre, eu produzia algumas atas durante a reunião, através do Google Documentos, e disponibilizava para as outras roteiristas verem seus *feedbacks* em nosso *Drive*.

Nesse segundo ciclo de roteiros, nós conseguimos histórias mais consistentes e mais perto do produto final, o que resultou em apenas 2 reuniões para organizar alguns detalhes, e entregamos os roteiros, revisados e no formato correto, no dia 28 de junho, para a Renata Diniz.

Renata Diniz foi a nossa segunda consultora de roteiros. Ela ministrou uma aula sobre séries e bíblia de séries logo no início da pandemia, a pedido da professora Emília Silberstein, para alguns alunos de TCC e Bloco. Foi uma aula extremamente interessante, e eu já conhecia a Renata por nome, mas estar aprendendo com ela foi muito engrandecedor, e, logo naquela aula, eu quis que ela participasse da série *Marias* como consultora de roteiros.

No dia 12 de junho, contatei Renata através do e-mail e contei para ela sobre o projeto e perguntei se ela poderia participar da nossa sala de roteiristas, lendo e avaliando esses roteiros que iríamos mandar até dia 28, e marcamos as reuniões para a sexta-feira às 14h, que era o melhor horário para ela participar. Renata gostou muito do nosso projeto e nos enviou uma curta apresentação para incluirmos na nossa bíblia:

Renata Diniz dirigiu e roteirizou o curta-metragem *O Véu de Amani* (2019), que ganhou cinco prêmios desde a estreia, entre eles: Kikito de Melhor Roteiro no Festival de Cinema de Gramado, Best Young Filmmaker no Los Angeles Brazilian Film Festival e Melhor Filme de Ficção na Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. O curta-metragem *Requília* (2014), exibido no Canal Brasil e Prime Box, recebeu premiações como: Festival de Brasília (Roteiro e Direção na Mostra Brasília), Guarnicê (Roteiro e Ator) e San Diego International Kids Film Festival (Direção e Ator). Codirigiu a série de ficção *Crias de Dulcina*, TV Cultura (2020). Roteirizou programas como *Almanaque Saúde* (Canal Futura), *Cozinhadinho* (TV

Brasil), além de longas-metragens documentais como Jardim Piloto (em produção) e episódios de série de ficção e animação (em negociação).³⁵

Com o cronograma com as reuniões com Renata estabelecido, apresentei para as roteiristas um calendário final, que consistia nos dados a serem enviados para a formulação de documentos sobre a série, além de tempo para revisar os *feedbacks* dados por nossa segunda consultora, uma reunião de *feedbacks* e a finalização das sinopses das últimas protagonistas (Júlia, Fernanda e Ana).

Figura 9 - Calendário Final da Série Marias

Julho 2020						
Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
		1	2	3 Reunião Renata 14h	4	5
6	7	8	9	10 Reunião Renata 14h Roteiros Ciclo 1	11	12
13	14	15	16	17	18 Entrega dados Bíblia (sem reunião)	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31 Roteiros Ciclo 2 (entrega)		

Agosto 2020						
Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
					1 Feedbacks Finais Ciclo 2	2
3	4	5	6	7	8 Escrever Bíblia Sinopses finais dos roteiros	9
10	11	12	13	14	15	16

Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na primeira reunião com Renata, ela conversou conosco um pouco sobre o que precisamos para poder seguir com *pitchings* e tentativas de vender a série. Além disso, Renata falou sobre o universo geral da série Marias, também tendo anotado os pontos em conjunto com o estudo dela sobre os roteiros, que nos enviou depois. Falou para construirmos um universo da série, para a antologia ficar mais definida em nossas conceituação da série - assim

³⁵ Texto enviado em 01/07/2020.

como melhorar o texto que enviei para ela, apresentando “Marias”. Definir sobre o que são as histórias dessas nossas protagonistas, já que definimos bem a parte dos bastidores da série.

Em seguida, dessa nossa primeira discussão, Renata adentrou os *feedbacks* dos dois roteiros do dia, Ágata e Rita. No episódio de Ágata, escrito por mim, ela comentou sobre ter muitos temas no episódio, e precisar trabalhar um pouco mais neles, como o relacionamento de Ágata com a irmã, com Lais e seu relacionamento com a religiosidade, além da importância de deixar bem definido os conflitos em cada uma dessas instâncias. Ela me deu duas recomendações, a clássica série “Fleabag” (2016-2019), de Phoebe Waller-Bridge, que tem um conflito com um padre, e “Dietland” (2018), uma série da Amazon Prime que tem uma protagonista gorda, assim como Ágata - ainda não tive a oportunidade de assistir, porém está na minha lista.

Logo após, Renata falou sobre Rita, o roteiro de Sofia. A nossa consultora ficou um pouco confusa com o protagonismo de Rita, e não de Leila (a esposa de seu primo), e não conseguiu ver claramente um conflito bem definido na história de Rita. Renata sugeriu trocar o protagonismo para Leila, mas foi algo que Sofia decidiu não realizar para a versão final, fora isso ela comentou sobre como Rita poderia ser mais a protagonista, incentivando a ser mais independente de seu marido.

Além disso, Rita tem um grande conflito com sua filha, e Renata sugeriu essa filha não aparecer de cara, e, sim, ela ir sendo descoberta ao longo do episódio, mostrando como Rita é uma personagem extremamente desconfiada e retraída. Assim, a história de Rita com Solange (sua filha), pode ser ressignificada com a presença de Leila no sítio. Ao final, a história seria sobre esses diferentes tipos e discussões sobre maternidade. Renata gostou muito da cena final do episódio, mas recomendou encher de mais significados, como a liberdade e a metáfora da chuva.

Ao final dos *feedbacks*, Renata conversou sobre outras possibilidades que a série “Marias” poderia tomar, por ser uma série antológica, que poderíamos pensar em realizar alguns curtas. Essa primeira reunião foi muito interessante e cheia de *feedbacks* valiosos, estávamos ansiosas para a próxima reunião.

Em 10 de julho, houve a segunda reunião, e Renata falou suas considerações acerca dos roteiros de Carla e Francisca. Decidimos colocá-los juntos, pois são histórias de gêneros bem diferentes, sendo uma história bem de comédia, e a outra dramática. Certificamos que

Camilla e Luiza teriam uma boa conexão de internet e estariam tranquilas, depois disso, comecei a anotar os pontos.

Dito isso, partimos para os *feedbacks* do episódio de Carla. Renata abriu falando que achou que o início do episódio não foi muito bem explicativo, sugerindo adicionar uma cena inicial onde vemos a estranheza que está tomando conta da família, sugerindo também, dar uma estudada em outros tipos de arcos de roteiro, já que estruturas comumente usadas, como a “Jornada do Herói” não são muito compatíveis com as histórias que queríamos contar.

Uma questão muito abordada pela Renata, foi a ideia de Carla poder se tornar um estereótipo, já que ela está em uma situação que vemos muito comumente nas telas, mas como podemos mostrar o lado de Carla sem ela ser a “corneta que dá piti”? A sugestão de Renata foi o foco na questão do mestrado, e que Carla precisava se descobrir, estar sozinha a faria bem, e exigir isso, ao final do episódio, para Reinaldo, seu atual esposo.

O teste de Bechdel³⁶ foi bastante comentado na história de Carla, pois ela passa grande parte do episódio se preocupando com a possível traição de seu marido, e como o casamento deles está ruindo. Porém, nem todas as representações de personagens femininas “saudáveis”³⁷ passam no teste de Bechdel, apesar de ser um bom começo para pensar nos conflitos e objetivos de Carla.

Seguimos com os *feedbacks* do episódio de Francisca, e Renata gostou muito da história de Ciça, a relação entre neta e avó e como a história finaliza. Seus *feedbacks* foram pontuais, em relação à alguns diálogos que estavam um pouco expositivos, e a importância da profissão de Francisca, já que não estava tão bem trabalhada nessa segunda versão do roteiro. Renata indicou para Luiza ver o filme “Você Não Estava Aqui” (2019), de Ken Loach, para poder trabalhar um pouco mais na questão da Ciça ser motorista de aplicativo.

A participação de Renata foi muito gratificante e engrandecedora para nossa sala de roteiristas. Foi ótimo o aprendizado e a conversa com ela, e foi excelente ter uma roteirista e diretora *full time* para nos falar um pouco sobre o mercado audiovisual. As roteiristas gostaram muito da participação de ambas as consultoras de roteiro, e puderam ter visões de fora do nosso projeto acerca dos roteiros.

³⁶ O teste de Bechdel é composto por três perguntas simples: Se o filme tem duas ou mais personagens mulheres com nome; se essas personagens interagem entre si e se o assunto da conversa delas não gira em torno de homens ou romance.

³⁷ Por saudáveis, digo que sejam personagens que têm uma força na narrativa, que elas importam, mesmo que não sigam as regras do teste de Bechdel.

Passamos as próximas 3 semanas revisando os roteiros com os *feedbacks* de todas, além dos da Renata, para podermos fazer uma última leitura com *feedbacks* escritos no dia 1º de agosto, onde discutimos sobre as histórias das três personagens finais (ver 3.1.2 Desenvolvimento das Personagens). Nessa reunião, também tivemos algumas trocas de *feedbacks*, sobre como foi o processo da sala de roteiristas da série “Marias”.

De acordo com as roteiristas participantes, elas gostaram muito de estar na sala de roteiro, acharam que o projeto estava bem organizado, além de ter sido um sucesso realizar as nossas reuniões de forma online, por conta da pandemia, mesmo que no início tivessem receio de ser uma questão não estarmos nos reunindo ao vivo. Além disso, gostaram muito das participações externas, como Emília, Renata, Patrícia e Tainá, e que essas convidadas contribuíram muito para o projeto.

Durante a sala, elas se sentiram ouvidas, validadas e confortáveis por terem participado de um projeto apenas com mulheres, dando mais coragem de se colocar e de acrescentar suas ideias. A estrutura de ciclos foi interessante também, por conta do formato da série, que levou o projeto calmamente de um ponto para outro, permitindo uma volta às raízes quando iniciamos o ciclo 2. E, mesmo que a sala tenha se estendido umas semanas a mais, fez sentido e não arrastou o projeto.

Meu grande *feedback* para as roteiristas foi o carinho que elas tiveram para com esse projeto, e que a série “Marias” é o que é hoje, por conta da participação e responsabilidade, além da criatividade e trabalho duro que elas tiveram nos seus meses de sala de roteiristas. Agradeço muito a cada uma das participantes dessa sala, e estou ansiosa para futuros projetos, seja de “Marias” ou outros.

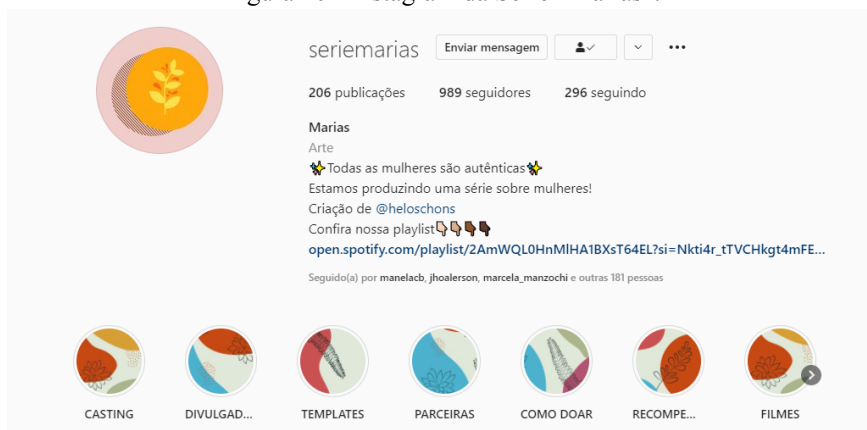
E no dia 08 de agosto de 2020, tivemos oficialmente nossa última reunião, com o *feedback* final sobre a versão final dos roteiros de Ágata (que ainda sofrerá algumas mudanças), Carla, Rita e Francisca. E, assim, finalizamos a sala de roteiristas da série “Marias”.

3.2 Criação do Instagram

Desde o início do projeto, já planejava fazer a gravação de um episódio e, em conjunto, realizar um financiamento coletivo, para arcar com os custos do projeto. Assim, planejei iniciar uma equipe de *marketing* para fazer postagens em uma rede social: o instagram. Porém, antes de iniciar o processo, tive uma consulta de baralho cigano com minha

amiga, Carolina Ferreira, que leu nas cartas a importância de realizar essa divulgação para o projeto prosperar. Eram as energias revelando a importância da divulgação da série “Marias” para o nosso sucesso. Com isso, criei nosso instagram.

Figura 10 - Instagram da Série “Marias”.



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

A partir da ideia inicial de criar um instagram, eu já fiz uma conta e convidei minha querida amiga Fernanda Coutinho para criar a identidade visual da série “Marias”. Realizamos uma reunião e apontei o que eu gostaria de uma identidade visual que lembrava muito cores brasileiras, quentes, tropicais e que também não estivessem totalmente ligadas ao feminino (como rosa e roxo). Além disso, a maioria do nosso conteúdo seria composto por artes, com poucas fotos e vídeos.

As principais palavras que destaquei para a nossa identidade visual foram: Feminismo, Fluidez, Comunidade, Minimalismo e Autenticidade. A partir da identidade, pensamos em artes que não são realistas e que não são 100% identificáveis, quando produzimos para a maioria das nossas pautas. Por fim, também queria tipografias que não me prenderiam, e que poderíamos brincar com elas ao realizar as artes.

A Fernanda, em meados de abril de 2020, fez a produção da identidade visual e me enviou, e fiquei apaixonada. Ela elaborou as cores de forma harmoniosa e com cores mais frias e escuras para usarmos de contraste, além de montar paletas de cores secundárias. Além de produzir também uma logo com três formatos de cores.

Figura 11 - Prints do Documento de Identidade Visual da Série Marias



Fonte: Identidade Visual da Série Marias, 2020.

Com a identidade visual pronta, convidei duas amigas para me auxiliarem a produzir postagens para a série Marias. Uma, infelizmente, não pôde continuar no projeto, mas a segunda, Karla Luz, foi uma parceria inestimável em quase todas as fases deste produto. Karla produziu diversas artes para nosso instagram, além de ter sido uma das nossas parceiras no financiamento coletivo que abordarei no próximo tópico.

Além disso, a Clara Ortolani Smith foi a nossa primeira videomaker, que nos auxiliou muito na produção de vídeos para o financiamento coletivo, e diversas animações marcantes para nosso instagram. Como a nossa segunda postagem, com diálogos marcantes de filmes brasileiros.

Em 08 de maio de 2020, nós demos “Olá” para o nascimento desse projeto nas redes sociais, com a nossa primeira postagem:

Figura 12 - Primeiro post do instagram @seriemarias



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

No início, eu realizava a redação de todas as postagens, que deveriam sempre tratar nossa persona, nosso público, no feminino e, na maior parte das vezes, no plural. Mais tarde, começamos a utilizar a linguagem neutra, para sermos mais inclusivas.

Realizei um pré-programa de postagens, com base em alguns assuntos que estava estudando no momento, e queria falar sobre união de mulheres e algumas das primeiras cineastas brasileiras. Portanto, começamos nosso cronograma, produzindo diversas artes.

Uma das artes que foi muito difundida e compartilhada, foi sobre a pesquisa da Ancine de 2018, que utilizei na parte teórica desta memória, e que fala sobre as “Marias” no cinema brasileiro, ou seja, na porcentagem de mulheres que fazem parte, atualmente, do mercado. O coletivo Movielas compartilhou em peso essa postagem, o que contribuiu muito para esse crescimento inicial da série “Marias”.

Depois de algumas postagens, a maravilhosa Fernanda Gouveia entrou no nosso time como redatora, e a presença dela foi essencial para o instagram alavancar e conseguirmos fazer uma produção de conteúdo regular e com significado. Além de textos incríveis, Fernanda também era uma pessoa extremamente animada com o projeto, sempre dando diversas ideias legais para produzirmos juntas.

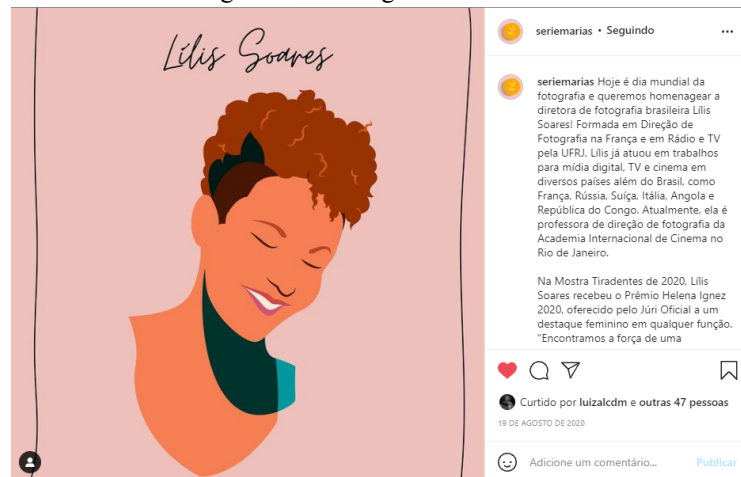
Com ela, conseguimos definir algumas linhas editoriais para a rede social:

Cineastas Brasileiras

Nessa linha editorial, nós procuramos falar sobre cineastas, sejam elas diretoras, fotógrafas, roteiristas... Realizamos uma arte mais identificável, e escrevemos um pouco sobre a história e trabalho dessa artistas. A resposta mais interessante dessas mulheres, era quando recebíamos respostas, repostagens e compartilhamento delas, podendo ela conhecer o nosso trabalho no instagram e, além disso, o nosso trabalho como série.

Alguns exemplos das mulheres que nos apoiaram compartilhando foi a diretora de fotografia, Lílís Soares, e a diretora e roteirista Sabrina Fidalgo.

Figura 13 - Postagem Lilis Soares



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Datas Comemorativas

Outra linha editorial que produzimos foram as postagens em datas comemorativas, principalmente aquelas que eram voltadas para questões de pessoas com útero ou grávidas/puérperas, como amamentação, câncer nos ovários e mamas (Ver Apêndice B).

Produções Brasileiras

Por se tratar de um instagram que fala sobre o desenvolvimento de uma série brasileira, não podíamos deixar de falar das nossas produções nacionais, espalhando dicas de filmes e séries brasileiras. Esse foi um dos conteúdos que mais ficamos felizes com o resultado, também gerando alguns stories interessantes.

Uma das respostas mais legais que recebíamos era dos diretores, atores e responsáveis pelo filme, como as mensagens de Karine Teles e Gustavo Pizzi, quando produzimos uma arte para falar sobre o filme “Benzinho” (2018).

Figura 14 - Postagem de “Benzinho”



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

União Feminina

Além de falarmos sobre o que nos move, foi muito importante apoiar outros projetos e outras mulheres que possuem projetos em diversas áreas, desde que sejam comandados por mulheres. Aqui, produzimos fotografias, artes e vídeos intitulados “Deixa Ela Falar”, onde as líderes desses projetos apresentam eles, contando um pouco da sua história, referências e motivações. O quadro “Deixa Ela Falar” surgiu durante a elaboração do nosso financiamento coletivo, mas continuamos por achar importante para o nosso projeto.

Após o financiamento, continuamos o projeto, pausado no momento de elaboração desta memória, e tivemos algumas mudanças na equipe dedicada do *marketing*. Sou muito grata às pessoas que produziram com excelência e cresceram nosso instagram. Que venham muitas outras conquistas. Abaixo, a ficha técnica completa do *marketing*:

CRIADORA DE CONTEÚDO: Heloísa Schons. REDATORAS: Fernanda Gouveia e Clara Montandon. *DESIGNERS*: Babi Pinheiro de Souza Varela, Giulia Dela Pace, Karla Luz e Marina Julião. EDITORAS DE VÍDEO: Bela Eichler, Clara Ortolani Smith, Danielle Andrade, Gai Lédo e Keity Naiany.

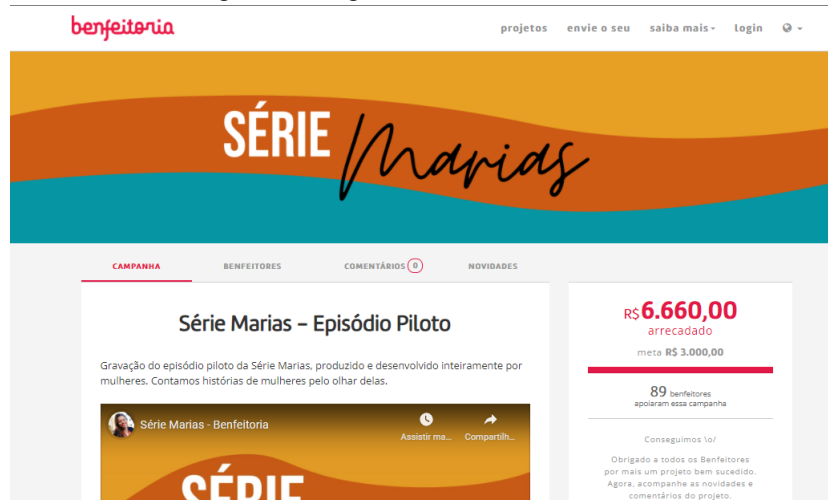
3.3 Marketing e Financiamento Coletivo

No início do instagram, eu chamei a produtora e amiga, Mariana Leite, para me auxiliar em questões administrativas de produção da série Marias, como a contratação, revisão de documentos e organização do financiamento coletivo. Eu já estava com a equipe de *marketing*, produzindo um conteúdo anterior ao financiamento, para gerar empatia e fãs do nosso trabalho, e pessoas que estariam dispostas financeiramente a doar para o projeto, em razão da produção do episódio piloto.

Com isso, a Mari me ajudou muito a planejar o piloto, para que eu conseguisse finalizar a sala de roteiristas com calma, além de organizar todas as questões mais administrativas do financiamento coletivo. E a equipe de *marketing*, que cresceu com o auxílio da editora Bela Eichler e *designers* Babi Pinheiro e Marina Julião.

O primeiro passo da produção, foi a avaliação e escolha do site, que acabou sendo o Benfeitoria, por ser um site que não nos exigiria um valor muito alto sobre o arrecadado, além de possuir um layout agradável.

Figura 15 - Página da série “Marias” na Benfeitoria.



Fonte: Página da Benfeitoria da Série Marias, 2020.

Além disso, Mari me ajudou a definir as metas, separar valores e imaginar os nossos gastos, produzindo um orçamento. E, em conjunto com a produção, a equipe de *marketing* produzia as linhas editoriais do financiamento coletivo, que foram:

Série Marias

Apresentar o projeto, as parceiras e a nossa equipe, em diversas postagens. O objetivo desta linha editorial era fazer com que o público entenda quem faz parte desse projeto.

Parceiras do Financiamento Coletivo

Aqui, brincamos com as três linhas do instagram, para apresentar cada uma das artistas do financiamento coletivo. Ou seja, teríamos que apresentar três postagens de cada uma, que definimos como uma fotografia (para apresentação da artista), um vídeo do “Deixa Ela Falar” (artista relatando sobre o seu projeto pessoal, seu trabalho e depois apresentando as duas recompensas e referências) e uma postagem sobre a recompensa que ela produziu para o financiamento coletivo.

Figura 16 - Trio de postagens sobre as artistas, com o exemplo do estúdio Zushi Ushi, por Ayana Saito.



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Estereótipos de Cinema

Uma questão que debatemos muito na série “Marias” é a tentativa de fugir dos estereótipos de cinema, mas nem todo nosso público sabe que estereótipos são esses. Portanto, definimos alguns deles para apresentar durante a época do financiamento coletivo, como as *Mammys*³⁸, *Manic Pixie Dream Girl*³⁹ e as Mulheres da Geladeira⁴⁰.

Figura 17 - Postagem sobre o estereótipo “Mammy”.



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Projetos de Financiamento Coletivo

Para apresentar que o financiamento coletivo é uma ótima forma de apoio de projetos independentes, queríamos apresentar alguns outros projetos que foram realizados na base de doações, como os filmes brasileiros “Na Barriga da Baleia”, “Afronte!” e “Escola Sem Sentido”. Os projetos tiveram também uma breve entrevista com as realizadoras dos filmes.

Além disso, essa linha editorial convidava as pessoas que haviam doado para esses filmes, doarem para o projeto “Marias”.

Episódio Piloto

Nessa linha editorial, nós queríamos abordar a história e as personagens do nosso episódio piloto, para nosso público entender para qual história vai a sua doação. Aqui, nós apresentamos as nossas personagens Dani, Aimee e Sônia, além de apresentarmos o gato de Aimee, Jiji. E falamos um pouco sobre os processos de Dani como artista e a sinopse do nosso roteiro.

³⁸ Personagens, comumente mulheres negras empregadas domésticas, que cuidam e nutrem a personagem protagonista branca.

³⁹ É a personagem da garota “bonita”, mas de uma beleza “não convencional”, inteligente, que possui gostos diferentes, desapegada e tem uma personalidade forte à primeira vista. Ou, a namorada diferente do protagonista.

⁴⁰ Personagens femininas de interesse romântico do protagonista que, comumente, são assassinadas de forma brutal para fazer a narrativa do personagem masculino ir para frente.

Metas e Contagem Regressiva

Nos últimos dias da nossa benfeitoria, queríamos lembrar a todas as pessoas que tinham interesse em doar, que faltavam apenas alguns dias para o encerramento do financiamento. Portanto, produzimos uma arte para realizar uma contagem regressiva.

No site do financiamento coletivo, poderíamos estabelecer metas de valores a serem atingidos. E queríamos compartilhar quando essas metas fossem atingidas. Logo, preparamos uma postagem para compartilhar.

Figura 18 - Postagem Segunda Meta Atingida.



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Para ter mais sucesso na campanha, queria muito produzir conteúdo com outras mulheres artistas brasileiras, que iriam contribuir com alguma arte ou produto dentro do financiamento coletivo. Além disso, a campanha poderia atingir mais o público se houvessem outras mulheres, artistas de diferentes influências, apoiando o projeto.

Contatei 6 amigas, apresentei o projeto a elas, e perguntei o que elas gostariam de ajudar a série, colaborando com algumas fotos/vídeos e uma recompensa para as pessoas que doarem para o projeto. Elas aceitaram e começaram a produzir suas recompensas.

Figura 19 - Ilustração das Artistas Parceiras



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Ayana Saito é uma amiga de curso, que se encontrou nas artes plásticas e ela produziu um quadro em A3, para ser doado o quadro original, e prints desse quadro. Ela produziu um quadro sobre mulheres diversas, em conexão com a natureza, e deu o nome de “*Haru no Karada*” ou “O Corpo da Primavera”, o quadro foi vendido no primeiro dia do financiamento coletivo.

Figura 20 - Quadro “*Haru No Karada*” de Ayana Saito, exclusivo para a série “Marias”.

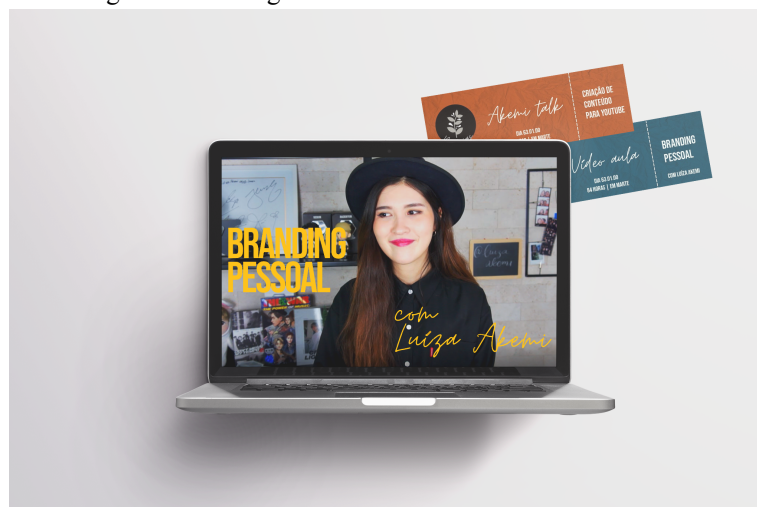


Fonte: Ayana Saito, 2020.

Luíza Akemi é outra amiga do meu curso, ela faz publicidade e, em 2018 foi para a Coreia do Sul em um intercâmbio e começou a fazer sucesso no youtube. A Akemi sempre foi uma pessoa muito criativa e querida, e perguntei para ela o que ela gostaria de produzir como recompensa e ela decidiu que queria fazer uma vídeo-aula sobre *branding* pessoal⁴¹. Ela produziria o vídeo e o conteúdo e eu editaria e enviaria para as nossas benfeitoras. O vídeo ficou incrível, e estou no aguardo dos *feedbacks* das benfeitoras!

⁴¹ *Branding* é a construção de uma marca.

Figura 21 - Postagem sobre a vídeo-aula da Luíza Akemi

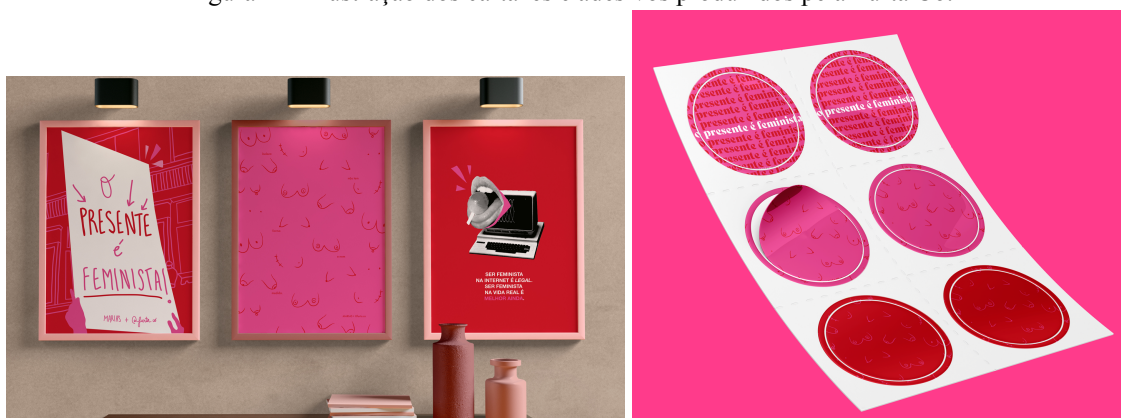


Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Izabella Beck é mais uma das minhas amigas de curso, e foi uma mulher que sempre me apoiou e me tratou com muito carinho, nas inúmeras caronas, cantorias no carro e lanches. A Beck criou uma página que admiro muito e faz muito sucesso no instagram chamada “Furta Co.”.

Criamos essa parceria feminina com a Furta para produzir adesivos e cartazes para serem impressos e enviados para nossas benfeitoras. Todos os cartazes foram produzidos com a estética da Furta, além de terem um local apontando a nossa parceira. Foram um grande sucesso, extremamente elogiados e adquiridos pelas nossas benfeitoras.

Figura 22 - Ilustração dos cartazes e adesivos produzidos pela Furta Co.

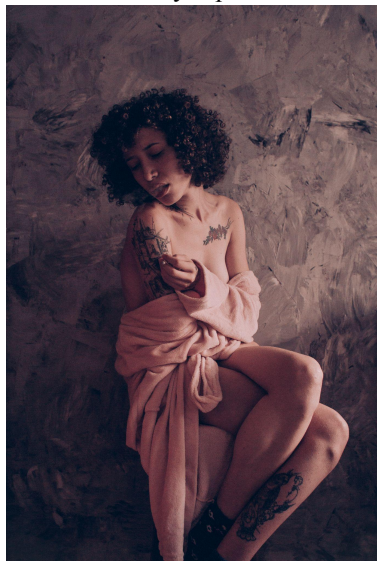


Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Além dos cartazes, Beck criou um Talk sobre a Furta e como ela assumiu coragem para criar o projeto e alimentar com conteúdo e conversas legais. O talk foi ministrado em 31 de julho.

Taysa Barros é fotógrafa, diretora de fotografia, cineasta e dona da Mancha, uma marca de cerâmicas com uma estética incrível. Tay sempre me apoiou e temos uma admiração mútua e muito carinho. Ao saber sobre a série “Marias”, ela disponibilizou dois ensaios fotográficos para serem doados, e ambos foram comprados. Os ensaios aconteceram em agosto e setembro de 2021.

Figura 23 - Autorretrato de Taysa para Financiamento Coletivo.



Fonte: Taysa Barros, 2021.

Evelyn Salt é uma das meninas que menos tenho contato, admiro seu trabalho com lettering e a convidei para produzir dois postais para as recompensas da série “Marias”. A Evelyn topou e, infelizmente, não conseguiu produzir o vídeo para o “Deixa Ela Falar”, mas produziu dois belíssimos postais, frente e verso, para serem adquiridos pelas benfeitoras.

Figura 24 - Postais produzidos pela “Por Salt”.



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

Karla foi a nossa última, mas não menos especial, parceira a entrar no projeto. Karla é muito importante na série “Marias”, ela participou de quase todas as fases do projeto, sendo nossa ilustradora, a still do episódio piloto e a parceira do financiamento coletivo. Karla tem uma página no instagram chamada “A Luz Cria”, em que ela posta artes, música e vídeos.

E, para o financiamento coletivo, ela produziu dois adesivos belíssimos.

Figura 25 - Adesivos produzidos pela “A Luz Cria”.



Fonte: Página do Instagram da Série Marias.

A parceria com as seis artistas brasileiras incríveis impulsionou a nossa página, além de termos diversas doações para o financiamento coletivo e foi um grande sucesso. Sou muito grata por Akemi, Tay, Beck, Aya, Karlinha e Evelyn terem topado esse projeto que foi crescendo em mim e tendo muito carinho pelo nosso público.

Por fim, nosso financiamento coletivo aconteceu no site da Benfeitoria durante 60 dias, entre 8 de setembro até 7 de novembro de 2020. Ao longo desse período crescemos muito nosso instagram, produzimos um conteúdo de qualidade e com muito carinho, além de recebermos doações de 89 benfeitoras. Acredito que nossa campanha foi um grande sucesso, e devo esse sucesso a equipe de *marketing* que batalhou e produziu muito.

3.4 A Bíblia

Durante a Sala de Roteiristas, cada roteirista produziu textos sobre sua personagem e roteiro, e no final, produzimos alguns materiais como proposta estética, sinopse longa, entre outros. Cada um desses materiais foi essencial para a produção da bíblia da série, que é um documento gráfico muito pedido em editais, *pitchings* e inscrições para prêmios e laboratórios de projetos.

Para definir o conteúdo da bíblia da série “Marias”, usei como base algumas bíblias disponibilizadas pela produtora Rodoferrô⁴² e no conteúdo exigido em algumas linhas do edital do FAC (Fundo de Apoio à Cultura). O conteúdo que aparecia, recorrentemente, na produção das bíblias era o argumento da série, sinopse, *longline*⁴³, descrição dos episódios da primeira temporada, descrição das personagens e arcos de futuras temporadas.

Com o conteúdo definido, iniciei um documento onde juntei todos as informações que pudessem me auxiliar nessa produção e comecei a digitar os textos, porém, como este produto era uma antologia e todas as bíblias as quais tive acesso eram de séries não-antológicas, defini que não haveria separação entre os textos de perfil de personagem e sinopse, visto que cada personagem viveria apenas uma história por temporada. O texto acabou ficando um pouco mais longo do que os materiais de referência, mas consegui apresentar cada personagem, em conjunto com a história que elas iriam vivenciar.

Como as personagens são a alma dos episódios, eu gostaria que tivesse uma representação gráfica delas, para apresentar como elas são diversas, tanto em suas histórias e personalidades, quanto na aparência física delas. Era do meu desejo que não houvesse ilustrações ultra realistas, mas que tivessem pontos de sombra, marcas em seus rostos, como olheiras ou sardas. Para produzir as 10 personagens da primeira temporada, chamei Babi, *designer* da equipe de marketing, para produzi-las.

Com as personagens sendo produzidas, parti para a identidade visual da bíblia. Eu queria seguir a paleta de cores da série Marias, com cores mais sóbrias e pontos de iluminação como laranja, amarelo e azul. Com a incrível ajuda de outra *designer* do *marketing*, Giulia Dela Pace, ela conseguiu produzir uma capa com diversas ilustrações de flores, que fazem parte da marca “Marias” do instagram, como a nossa logo.

Com a capa produzida e aprovada, Giulia me enviou o documento em aberto no Photoshop e eu comecei a diagramação final. Revisei os textos, e fui ajeitando uma bíblia composta por capa, as duas primeiras páginas fazendo parte das informações iniciais, seguido por 10 páginas com as protagonistas e suas histórias, e finalizando com uma contra-capas com as informações da ficha técnica.

⁴² Produtora formada por ex-alunos da UnB, que disponibilizaram *lives* para montar projetos de audiovisual para concorrer no edital do FAC (Fundo de Apoio à Cultura) do Distrito Federal.

⁴³ *Longline* em português é traduzido para frase longa. É uma frase, de três linhas no máximo, que resume o seu projeto de forma simples.

Houve mais uma revisão da bíblia, com os *feedbacks* da professora orientadora do projeto, acerca de algumas sentenças como a *longline*, argumento e mudanças no texto de duas personagens. Para dar maior clareza no texto dos episódios, há a apresentação da descrição das personagens protagonistas. E essa nova versão do projeto é enviada para a banca.

4 Considerações Finais

O objetivo do início deste projeto era criar uma série antológica que abordasse realidades de mulheres brasileiras, com uma equipe totalmente feminina. Além da criação de um instagram que falasse das nossas temáticas e um financiamento coletivo para a produção de um episódio piloto. Esses objetivos foram alcançados e perpassados. Como minha orientadora apontou logo no início deste projeto, este TCC é uma experiência, e eu só consigo agradecer e sentir alívio, porque isso é uma grande verdade.

Audiovisual é uma ocupação cheia de técnica e criatividade e alia-se ao trabalho em equipe. Eu sempre gostei de trabalhar desta forma. Todavia, há grandes desafios e responsabilidades, principalmente quanto a juntar inúmeras pessoas para fazer um projeto funcionar, além de produzir com regularidade e fazer com que cada uma das integrantes se solidarize e disponha a energia necessária para produzir, aprender e ensinar.

Eu aprendi muito com “Marias”. Aprendi a ser uma roteirista e a encontrar uma nova paixão, aprendi a lidar com uma equipe de forma firme e ao mesmo tempo compreensível, além de transmitir minhas ideias com carinho e de forma clara. Assim como as minhas experiências anteriores, eu cresci não apenas profissionalmente, que já é um bônus e tanto, mas também como pessoa, conseguindo manter uma comunicação assertiva e apresentar o projeto da melhor forma possível.

Uma outra questão importantíssima, foi a de que não apenas a participação de mulheres em projetos é necessária, precisamos ver quem são elas, e quem são as pessoas que não se encaixam nesse espectro da binariedade. A interseccionalidade é importante, e pessoas são mais do que o sexo biológico, a cor da sua pele e sua sexualidade, elas são as experiências de vida e as ações que elas provocam no mundo ao seu redor. Aprender isso, entender e respeitar é um dos maiores ensinamentos que eu tenho tido desde o primeiro dia que eu pisei

no campus da UnB como caloura. E este ensinamento não acabou aqui, talvez seja um novo começo, de um novo ciclo.

Continuamos o trabalho de conectar raça e classe. Continuamos a produzir o pensamento e a prática antissexista que confirmam a realidade de que mulheres conseguem alcançar a autorrealização e o sucesso sem dominar umas às outras. E temos a sorte de saber, em todos os dias da nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa. (hooks, 2019, p. 39)

Ao unir as vozes de diversas pessoas não binárias e mulheres à minha própria, recebi *feedbacks* transformadores, tanto da minha pessoa quanto do projeto em si. Desde a equipe apontando a beleza do nosso instagram, a organização da nossa equipe, até a importância desse projeto ser conhecido por mais pessoas. E o audiovisual que eu acredito, é um audiovisual de impacto, que muda a vida das pessoas pelo mundo, que as faz questionarem a si mesmas e que provoca sentimentos, não necessariamente nessa ordem ou tudo isso ao mesmo tempo.

Porém, o audiovisual também tem um poder transformador para nós, artistas e cineastas. Queremos fazer projetos que acreditamos, criar histórias que queremos contar, produzir projetos que têm um impacto gigantesco e a colocar as palavras nas telas. A importância da universidade não foi necessariamente me ensinar a escrever o roteiro que ganhará o Oscar de melhor filme, mas me ensinou o pensamento crítico e me apresentou possibilidades que eu não tive em uma escola conservadora. Tudo que vivenciei foi um privilégio, mas não deveria ser, deveria ser uma experiência de todas.

Por fim, ao concluir esse ciclo na universidade, concluo também mais uma etapa da série “Marias”, em que houve aprofundamento científico para produzir personagens que fogem de estereótipos, a construção de uma equipe feminina e queer, além de transmitir esses conhecimentos através de uma rede social de impacto, com diversas seguidoras. “Marias” não seria o que é hoje sem a união das nossas vozes, muito obrigada ao trabalho de todas as pessoas que deram suas vozes a esse projeto e somaram uma causa de muito importância para mim. Que a nossa teia de conexões seja cada vez maior.

5 Bibliografia

CAMPOS, Bartira B. **Sala de Roteiro: Processo de Criação dos Roteiristas de séries de TV brasileiras**. São Paulo: Alexa Cultural, 2021.

COMPARATO, Doc. **Da Criação Ao Roteiro: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus, 2018.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade Da Discriminação De Raça E Gênero**. Cruzamento: raça e gênero. UNIFEM, 2002.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **Olhares negros, raça e representação**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Elefante, 2014.

KALLAS, Christina. **Na Sala de Roteiristas: conversando com os autores de Friends, Família Soprano, Mad Men, Game of Thrones e outras séries que mudaram a TV**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MATTOS, Laura. **"AINDA sou exceção", diz Lázaro Ramos**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2311200819.htm>>. Acesso em: 08 de outubro de 2021.

MCKEE, Robert. **Story: Substância, Estrutura, Estilo E Os Princípios Da Escrita De Roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MORAES CAVALCANTE, Denise. **Cinema de ficção contemporâneo e modos de habitar transitórios**. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade de Brasília, 2014.

NOTEBOOK. **5 Questions for Wong Kar Wai**. MUBI, 2021. Disponível em: <<https://mubi.com/pt/notebook/posts/5-questions-for-wong-kar-wai>>. Acesso em 08 de outubro de 2021.

NUNES, Ronayre. **Séries antológicas se tornam tendência; Entenda como e por que isso ocorre**. Correio Braziliense, 2019. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/series-antologicas-tendencia/>>. Acesso em 08 de outubro de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RODRIGUES, Sonia. **Como Escrever Séries: Roteiros A Partir Dos Maiores Sucessos Da Tv**. Publicação Independente. 2018.

SHINODA, Camilla. **Fronteiras entre a realidade e a ficção: amor e cotidiano no cinema brasileiro contemporâneo**. 164 páginas. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. UnB: Brasília, 2017

SMELIK, Anneke. **Gay and Lesbian Criticism**. In: John Hill & Pamela Gibson (eds). **The Oxford Guide to Film Studies**. Oxford: Oxford University Press, 1998: 135-147.

SOUZA, Jaqueline. **Beat it: o que é um beat sheet afinal e como fazê-lo?** Tertúlia Narrativa, 2019. Disponível em: <<https://www.tertulianarrativa.com/post/2019/03/29/beat-it-o-que-%C3%A9-um-beat-sheet-afinal-e-como-faz%C3%AA-lo>>. Acesso em 08 de outubro de 2021.

SOUZA, Jaqueline. **Escaleta: estruturando a história em um roteiro**. Tertúlia Narrativa, 2017. Disponível em <<https://www.tertulianarrativa.com/post/2017/07/26/escaleta-estruturando-a-hist%C3%B3ria-em-um-roteiro>>. Acesso em 08 de outubro de 2021.

TOMÉ, Bruno. **Mulheres têm 10% do tempo de tela na primeira década do UCM**. Observatório de Cinema, 2019. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2019/03/mulheres-tem-10-do-tempo-de-tela-na-primeira-decada-do-ucm>> Acesso em: 08 de outubro de 2021.

WITTIG, M. **El pensamiento heterosexual y otros ensaios**. Madrid: EGALES, 2006.

The background features a light green color with faint, stylized line drawings of various flowers and leaves. A prominent decorative element is a wavy border in red and yellow, with a pattern of small white dots, that curves across the top and bottom of the page.

Marrias

Série de TV | Antologia
10 episódios de 30 min
Criação de Heloísa Schons



Longline

Observamos o cotidiano de mulheres brasileiras em seus mais diversos conflitos, empatizando com suas mais variadas características e personalidades.

Sinopse

Em “Marias”, uma antologia eclética de 10 episódios com 30 minutos, acompanhamos a história de diversas mulheres brasileiras vivendo seu dia a dia com diversos conflitos, sejam eles um novo emprego aos 60, a estadia de uma enteada, a doença de uma mãe, a luta por direitos de um grupo de coral, descobrir o poliamor ou simplesmente curtir um dia no carnaval de rua.





Argumento

Em *Marias*, as mulheres são a alma dos episódios. Com o foco em trazer personagens únicas e diversas, fugindo de estereótipos do cinema, as personagens narram suas próprias experiências. O que é ser mulher, o dia a dia de cada uma, com seus diversos recortes de gênero, sexualidade, classe social e cor, trazem diferentes perspectivas. Os conflitos que cada mulher vivencia no dia a dia serão diversos, como a realização de um novo objetivo de vida, trabalhar sua relação familiar ou apenas viver uma nova aventura.

Na primeira temporada de “*Marias*”, veremos uma senhora de 60 anos buscar uma nova carreira, uma criança batalhar para poder brincar qualquer jogo, uma madrasta se tornando amiga de sua enteada e uma mãe quebrando o ciclo de abusos familiares.

Em cada episódio, vamos abordar um recorte de tempo na vida da protagonista, para que a história solucione, ou não, o conflito da personagem. A partir da perspectiva da protagonista, observamos o mundo pelos seus olhos. Em “*Marias*”, reconhecemos e empatizamos com as personagens, como se elas fossem nossas amigas, irmãs ou nós mesmas.

A seguir, vamos conhecer as protagonistas de cada episódio, em conjunto com a descrição de cada uma.



Daniela

Daniela (47) é uma carioca que morou em Brasília por quase toda sua vida. Com exceção de suas férias em Búzios com seus tios e primos todos os anos, Dani sempre foi uma pessoa bem reclusa e tímida. Apaixonada por artes, se tornou uma escritora conhecida por livros com a temática sobre sua infância nas praias do Rio de Janeiro. Depois de muito procurar alguém para viver a vida, Dani conhece Sônia, uma médica recém divorciada de 40 anos que tem uma filha, Aimee. Aimee não aceitou o divórcio de seus pais e tem problemas com aceitar Dani em sua vida, portanto quando o pai de Aimee viaja, ela precisa ficar algumas semanas na casa de Dani com sua mãe. Entretanto, na primeira noite, Sônia tem uma emergência no hospital e Dani e Aimee precisam trabalhar seu relacionamento sozinhas.



Carla

Carla (37) é professora e mãe de 2 filhas, em um casamento sem sal com Reginaldo. Após ter seu sonho de ser pesquisadora ser mais uma vez frustrado, sendo negada novamente uma bolsa, ela começa a desconfiar que está sendo traída. Seu marido, que conseguiu uma bolsa de mestrado na universidade, vira um pai ausente e não lhe dá mais tanta atenção romanticamente, enquanto sempre frequenta eventos acadêmicos com outros pesquisadores e passa muito tempo na universidade. Com a pressão de sustentar a casa, desconfiança e a falta de amigos e colegas no trabalho, Carla passa a desabafar com Jaqueline, a caixa da loja de conveniência, uma jovem de 19 anos que está estudando para o vestibular.





Beth

Maria Bethânia (62) é uma pessoa que sempre enxerga o copo como metade cheio. Sempre alegre e carinhosa com sua família, apesar de cabeça dura, se posta nesse papel de matriarca e avó. Sempre nutriu amor e apreço pelas artes, como crochê e pinturas simples, porém ela sente receio e tem inseguranças para começar algo novo, principalmente depois da morte de seu marido. Hoje em dia, leva uma vida pontuada pelos almoços de família que acontecem, religiosamente, todo domingo em sua casa. Beth tem quatro filhos adultos: Daniel, Renata, Letícia e Miguel. Um dia, Miguel, seu filho caçula, a leva para uma aula experimental de teatro, alegando os benefícios terapêuticos que a arte pode trazer. Beth se redescobre e o teatro lhe dá um canal para expressar e viver seu luto reprimido e decide seguir a carreira de atriz. Seus filhos desaprovam e a tensão é crescente nos almoços de domingo e, em meio a protestos, Beth tem que assegurar a sua independência.





Fernanda

Fernanda (25) vive em uma república universitária de mulheres e enfrenta uma encruzilhada: voltar para sua cidade natal, no interior do Goiás, ou tentar a sorte em Brasília. Recém formada em engenharia, ela entrega currículos em busca do emprego fixo que a manterá na capital. Enquanto isso, a república recebe uma nova caloura, Larissa, que está muito animada com a faculdade e com sua nova vida social. No dia de uma importante entrevista de emprego, Fernanda recebe uma Larissa passando mal depois de um happy hour que durou a noite inteira. Sozinha no apartamento com Larissa, Fernanda precisa tomar uma decisão.



Bárbara

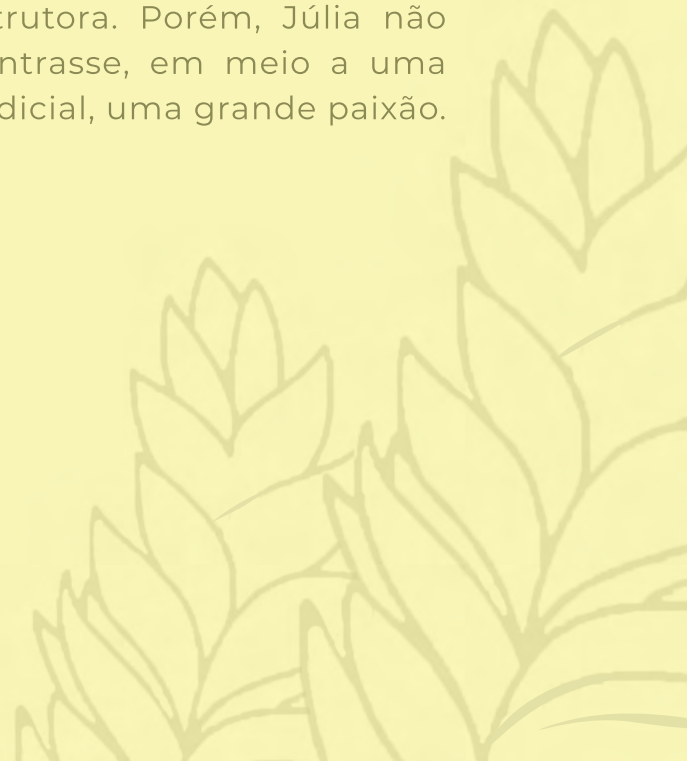
Bárbara (15), é uma adolescente que cresceu ouvindo de seus pais censuras e proibições. Ao entrar no Ensino Médio, percebeu a diferença de relacionamento que seus colegas tinham com os pais, principalmente aos dos pais de Juliana, sua melhor amiga. Sua criação regrada a fez ser introvertida e insegura. Bárbara vê em Juliana a pessoa que ela gostaria de ser, extrovertida, engraçada e confiante. Em fevereiro, com a chegada dos bloquinhos de rua, Bárbara decide mentir para seus pais pela primeira vez, para ir pular carnaval com Juliana. Porém ao chegar no bloco nossa protagonista se perde de Juliana e vivencia uma jornada de autoconhecimento.





Júlia

Júlia (32) é uma mulher alegre e assertiva, que sempre se impõe com base em suas opiniões. Sua mãe sempre a apoiou, principalmente no em seu período de transição e entendimento de identidade de gênero, ensinando Júlia a sempre ser gentil e acolhedora. Em meio ao seu crescimento, ela começou a frequentar um pequeno grupo de coral que acabou se tornando uma segunda família. Anos mais tarde, ela se torna a líder do grupo e, ao descobrir que estão tentando derrubar o prédio público em que os ensaios ocorrem, Júlia e seus amigos contratam um advogado para lutarem para manter a construção. Eles resistem enquanto sofrem diversos ataques por parte da construtora. Porém, Júlia não esperava que encontrasse, em meio a uma luta judicial, uma grande paixão.



Ágata

Ágata (27) é mineira, tendo uma criação muito baseada na religião e em velhos conceitos de que mulheres apenas têm um destino: serem esposas e cuidar dos filhos. Entretanto, esse nunca foi o sonho de Ágata, apesar de ser o assunto em todas as ligações com a mãe. Ágata cresceu, se mudou para Brasília e se formou em publicidade e agora trabalha como atendimento em uma agência. Ágata sempre quis ser ela mesma e, apesar de ainda ter os velhos costumes do catolicismo, ela busca ir se conhecendo e tendo longos processos de auto-aceitação. Ágata começa a namorar Júlio, um professor de ciências sociais super querido, mas ao mesmo tempo ainda nutre sentimentos por outra pessoa que está comprometida.





Francisca

Francisca (35), aos 19 anos, fazia faculdade longe do seu estado natal, Minas Gerais. No final do primeiro ano de seu curso, ela engravidou e teve que criar sozinha, sem apoio do pai e da família, sua filha em Brasília. Desamparada e amargurada, agora com pouco dinheiro e com um bebê para criar sem qualquer apoio, Francisca teve de trabalhar e não continuou seus estudos. Após 16 anos sem contato com sua mãe, Edite volta a morar com Francisca após a descoberta de uma doença. Com uma nova rotina, os conflitos crescentes entre Edite e Francisca, a protagonista começa a enxergar a relação das duas de maneira menos negativa, além de perceber a forma que sua criação influencia na maneira que trata sua filha, Larissa.



Ana

Ana (7) é uma jovem menina que vive na parte pobre de uma cidade pequena, no interior do Goiás. Com uma criação baseada na igreja batista, Ana e sua família sempre vão na igreja, sendo este acontecimento quase um evento formal, com todos usando suas melhores roupas. Um dia, quando voltava do culto, os primos e amigos de Ana a chamam para brincar de futebol. Entretanto, sua família protesta, alegando que “futebol não é coisa de menina”, mas Ana sai escondida para poder apenas ser uma criança e brincar com seus amigos.

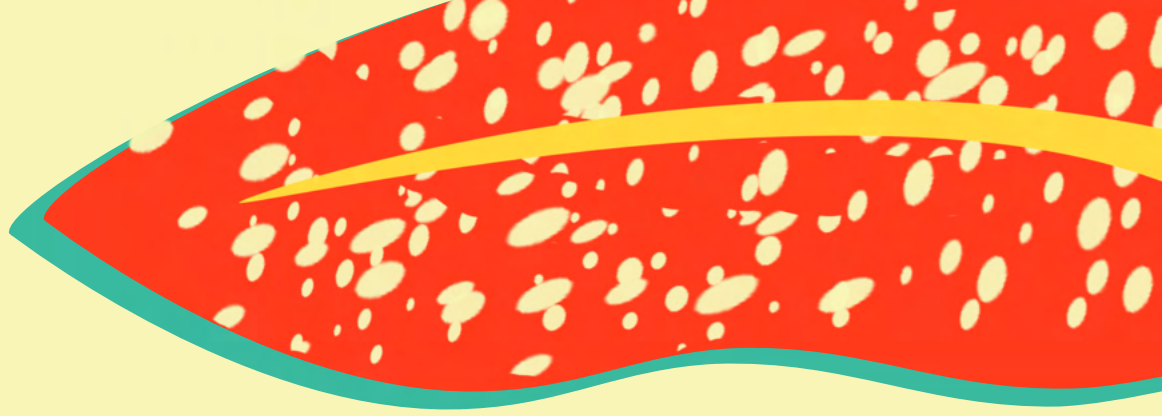




Rita

Rita (46) possui uma pequena propriedade num assentamento rural em Brazlândia. Pragmática e séria, Rita se dedica inteiramente ao seu cultivo, se mantendo resiliente mesmo perante certos conflitos - por exemplo, o divórcio com seu marido e a seca brava que assola o DF. Reservada, Rita tenta se reaproximar de Solange, sua filha de 25 anos que está fazendo mestrado em outro estado, mas o relacionamento das duas é travado e lacônico. Seu primo, Adailson, teve que fechar o negócio e voltar a viver na propriedade com Rita, porém leva sua esposa, Leila, com o bebê Mateus. O novo arranjo familiar se mostra como uma experiência turbulenta: Adailson é desacostumado com o trabalho rural e, além disso, ele e Rita possuem ideias divergentes quanto à maneira correta de se conduzir a propriedade e o negócio na feira. Adailson, cedendo à pressão do trabalho, acaba por abandonar a propriedade após uma briga com Leila. Rita acaba se aproximando de Leila e as duas iniciam uma amizade.





Projeto realizado como Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília no ano de 2021.

Orientação: Professora Emília Silberstein

Consultoria de Personagens: Tainá Cary e Emília Silberstein

Consultoria de Roteiro: Patrícia Colmenero e Renata Diniz

Roteiristas: Heloísa Schons, Luiza Chagas, Sofia Todd, Paula Hong dos Santos e Camilla Fernandes

Capa e Ilustrações: Giulia Dela Pace

Personagens: Babi Pinheiro de Souza Varela

Diagramação: Heloísa Schons

Contato:

Heloísa Schons

(61) 98165-2617

heloisa.schons@gmail.com



Marrias

Material Gráfico

Instagram | @seriemarias

Criação de Heloísa Schons

Sabrina Fidalgo



Cléo de Verberena

1909 - 1972



MANIC PIXIE DREAM GIRL



MULHERES NA GELADEIRA



Roteiristas



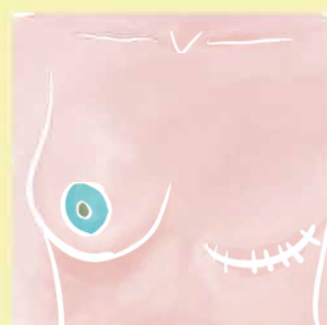
Dia Nacional
do Livro



17 de

maio

DIA INTERNACIONAL CONTRA A LGBTFOBIA



VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR **QUANTAS**

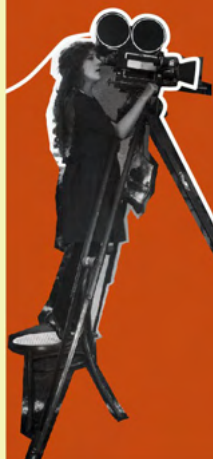
Marias

**ESTÃO POR TRÁS DAS
OBRAS AUDIOVISUAIS
BRASILEIRAS?**

PERCENTUAL DE GÊNERO 2018

participação feminina

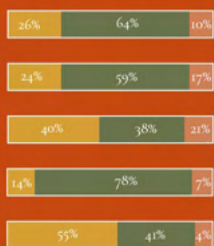
■ feminino ■ masculino ■ misto



PERCENTUAL DE GÊNERO 2018

salas de exibição

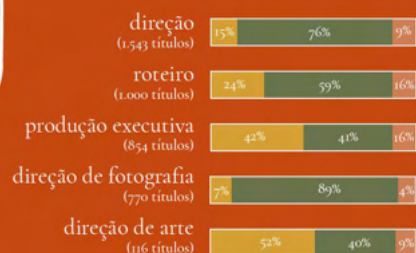
■ feminino ■ masculino ■ misto



PERCENTUAL DE GÊNERO 2018

televisão

■ feminino ■ masculino ■ misto

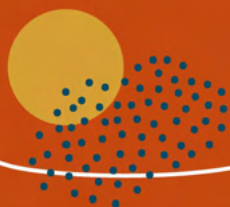


DADOS POR TIPO DE OBRA

Os curtas e médias-metragens apresentam os melhores percentuais de participação feminina;

Na análise dos gêneros (animação, documentário e ficção), o percentual feminino fica acima da média geral;

Desde 2015, sua participação na produção executiva de obras de ficção aumentou em três pontos percentuais, alcançando 44% em 2018



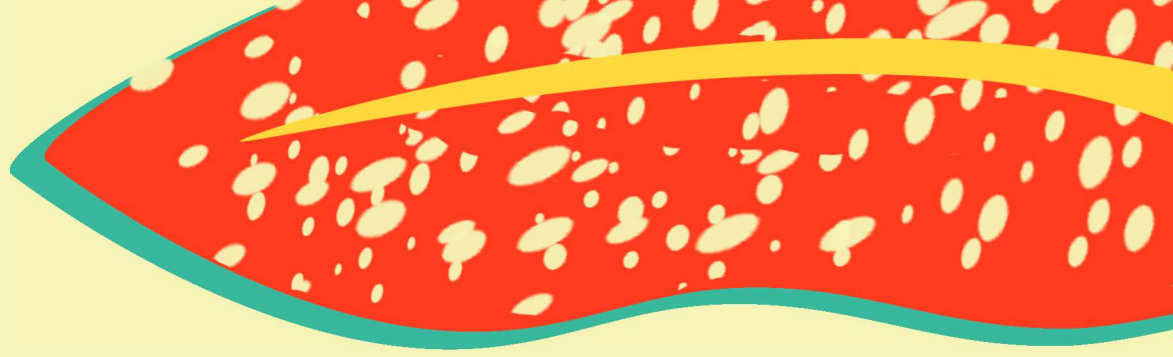
FILMES BRASILEIROS LANÇADOS

Em 2018, o percentual de participação feminina na direção dos filmes brasileiros lançados apresentou o maior número (22%)

As Marias se destacam na produção executiva dos títulos lançados, sendo maior que a presença masculina desde 2015

MUITAS
Marias
COMEÇAM AQUI.

Fonte: Participação feminina na produção audiovisual brasileira, 2018 - Ancine e OCA



Projeto realizado como Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília no ano de 2021.

Orientação: Professora Emília Silberstein

Criadora de Conteúdo: Heloísa Schons

Redatoras: Fernanda Gouveia e Clara Montandon

Designers: Babi Pinheiro de Souza Varela, Giulia Dela Pace, Karla Luz e Marina Julião

Editoras de Vídeo: Bela Eichler, Clara Ortolani Smith, Danielle Andrade, Gai Lédo e Keity Naiany

Capa: Giulia Dela Pace

Diagramação: Heloísa Schons

Contato:

Heloísa Schons

(61) 98165-2617

heloisa.schons@gmail.com

MARIA DANIELA
8º Tratamento

Escrito por

HELOÍSA SCHONS

LUIZA CHAGAS

Série Marias

E-mail: heloisa.schons@gmail.com
Contato do Projeto: @SerieMarias

CARLA

3º Tratamento

Escrito por

Camilla Fernandes

Série Marias

E-mail: fernandesmoreira10@gmail.com

Contato do projeto: @SerieMarias

MARIA BETHÂNIA

3º Tratamento

Escrito por

SOFIA TODD

Série Marias

E-mail: sstodd@gmail.com
Contato do projeto: @SerieMarias

BÁRBARA
2º Tratamento

Escrito por

LUIZA CHAGAS

Série Marias

E-mail: luizachagas.chagas@gmail.com
Contato do Projeto: @Seriemarias

ÁGATA
3º Tratamento

Escrito por
Heloísa Schons

Série Marias

E-mail: heloisa.schons@gmail.com

Contato do Projeto: @SerieMarias

FRANCISCA
3º Tratamento

Escrito por

LUIZA CHAGAS

Série Marias

E-mail: luizachagas.chagas@gmail.com
Contato do Projeto: @Seriemarias

RITA

3º Tratamento

Escrito por

Sofia Todd

Série Marias

E-mail: ssttodd@gmail.com

Contato do Projeto: [@SerieMarias](https://www.instagram.com/SerieMarias)